

ADULTERAÇÃO

eduardo haak

ADULTERAÇÃO

(Contos)

Eduardo Haak

2017

ÍNDICE

CUMPLICIDADE.....	6
VISÃO E AUDIÇÃO	8
RACIOCÍNIO	10
INICIAÇÃO	11
DERROTAR	13
A MAIOR FELICIDADE DO MUNDO	15
()	16
VOCACÃO	19
MINHA AVÓ	21
LEITE COM SAL.....	23
DESAMPARO	25
CONCURSO DE MISS	26
SUCÇÃO	28
CONTEMPLAÇÕES AMOROSAS	31
BICICLETA	33
COMER	36
MACONHA	38
AUTOCONHECIMENTO	40
TRATO URINÁRIO	42
INCERTEZAS.....	44
FLUXO E REFLUXO	45
RASTREAMENTO	46
OMELETE	47
USURPAÇÃO	49
VARIEDADE.....	51
DOCUMENTÁRIO.....	53
ESPARGIR	54
HOMEM NÃO CHORA	56
INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS.....	57
REPRODUÇÃO HUMANA.....	60

ISOPOR.....	62
LISTA DE CASAMENTO	64
ASTROLOGIA.....	65
PERSEVERANÇA	66
TROCA DE PRESENTES.....	67
ZUMBI	69
PACTO.....	72
SIMETRIA, EQUILÍBRIO, PROPORÇÃO	75
DEUS.....	77
DACTILOPROCTISMO	79
SOBERANIA	81
PATERNIDADE.....	82
MATERNIDADE.....	84
O HOMEM COM VARIZES NA CABEÇA.....	85
ÀS VÉSPERAS DO ARMISTÍCIO.....	89
OBLIQUIDADE	90
CONFIANÇA.....	92
VIOLAÇÕES.....	94
RADIÂNCIA E GRAÇA.....	96
TATUAGEM.....	98
DIA DOS NAMORADOS	99
VIGIA NOTURNO	101
VERÃO	103
A FRANQUEZA DOS QUE ESTÃO PRESTES A MORRER.....	105
SOLIDÃO	106
NATAL	108
SONHOS E PESADELOS	109
GRANDEZA	113
MICROSCÓPIO	114
SOBRE O AUTOR.....	116

CUMPLICIDADE

Em meses a beleza da minha mulher acabou, ela teve a doença do homem elefante, um dos lados de seu rosto ficou desfigurado.

Nossa vida conjugal havia sido bastante feliz, ambos tínhamos temperamentos ardentes e admirávamos as características físicas um do outro.

Não é possível que você não tenha nojo desse monstro em que me transformei, Elisa me disse.

Não sentia nojo, mas aflição e tristeza, que tentava atenuar com a bebida.

Passamos quase um ano sem fazer sexo.

Na primeira vez em que isso ocorreu, Elisa deitou-se de lado, escondendo o lado do rosto destruído pela doença.

Insistimos por algum tempo, mas acabamos desistindo, sabíamos que era tudo encenação.

Declarei meu eterno amor, cumplicidade e fidelidade à Elisa decepando meu pênis.

Além de beber, eu passara a consumir drogas, estava fora de mim quando me mutilei.

Meu pênis não pôde ser reimplantado.

Uma infecção levou meus testículos também. Elisa cuidou de mim durante a convalescença.

Vendemos o apartamento e nos mudamos para um condomínio em Itupeva.

Decidimos construir uma piscina, contratamos um mestre de obras, aproveitamos e fizemos várias reformas em casa, nosso programa de

sábado à noite era ir à Leroy Merlin e comparar preços de tinta, pisos, azulejos.

Éramos de novo um casal feliz.

Elisa deixou um bilhete na mesa da sala, desculpa, não pude evitar, me apaixonei pelo mestre de obras e ele por mim, ele me deseja e me ama do jeito que sou, vamos viver juntos.

Fui à cozinha, preparei um café e saí na varanda.

Senti vontade de acender um cigarro. A manhã estava com um céu branco e ofuscante.

O buraco da futura piscina, ladeado por um monte de terra, parecia uma cova.

VISÃO E AUDIÇÃO

Mariana é bonita, mas tem uma voz feia, Dóris não é tão bonita, mas gosto de sua voz, se fosse há alguns anos não teria dúvida sobre qual delas escolheria, a visão era meu sentido predominante e vozes não me causavam aversão ou deleite, porém isso mudou (coincidência ou não, foi depois que um neurocirurgião serrou minha calota craniana e depositou-a por seis horas no meu abdômen, porém não pretendo falar disso aqui).

Estou envolvido com ambas, pague um leve dois, talvez seja destino familiar, a confissão mais chocante que meu pai me fez foi a de que escolheu se casar com minha mãe por causa do nome da outra namorada, nome de empregada doméstica, dava vergonha apresentá-la, disse ele. Não tenho problemas com nomes, já tive uma namorada chamada Gigriola, versão espúria de Gigliola, mas detesto voz feia, outra coisa que detesto é mulher com papada, papada é uma característica física eliminatória, um pecado estético sem qualquer chance de remissão.

Estarei louco?, dispensar uma mulher bonita como a Mariana só porque sua voz me soa como se ela tivesse limalha de ferro na garganta? Às vezes ando na rua observando as mulheres, nunca vi uma que fosse tão bonita quanto ela, sua beleza é dinâmica e estática, encadeamentos gestuais graciosos e fotogenia, era uma vez um homem em dúvida (ou: sou, todas as vezes, um homem em dúvida?), duvidar, do latim *dubius*, aquele que hesita entre duas possibilidades, sim ou não, audição ou visão, aquela ou essa.

Dóris (voz bonita) um dia me disse, eu sei que você tem outra, mas não me importo, claro que era mentira, mulher alguma tolera essa situação, Mariana (beleza) também acabou descobrindo e me deu um prazo para decidir entre ela e a outra, quando eu era moleque havia uma banda de rock chamada Três de um Par Perfeito, tive um tio que morreu ao fazer roleta russa com duas balas no tambor, um é pouco, dois é bom, três será um excesso?

Os patriarcas bíblicos eram bígamos, eu disse para Mariana.

Não tergiversa, Marlos. E desde quando o ateu passou a ler a bíblia? Influência da namoradinha crente, é?

Ela não é crente, é presbiteriana. E eu sempre li o antigo testamento, você sabe disso.

Claro que sei, aquele monte de putaria, filhas que embebedam o pai e cometem incesto com ele, coisas realmente exemplares e edificantes. Marlos, só pra saber, aonde você pretende chegar com essa conversa?

Decidi viajar um final de semana sozinho para meditar sobre minha decisão. Eu tinha tido um pesadelo impressionante em que estava cego e surdo, quando criança discutia isso com meus primos, se preferíamos a surdez ou a cegueira, todos preferíamos perder a audição, ei, você viu que aquele cantor com aids está surdo?, sério?, é, Jesus chama, chama ele, só que ele não ouve, eu ria sozinho pensando nessa piada, então me sentia arrependido, achando que Deus iria me castigar (confesso que voltei a pensar nisso quando entrei naquele centro cirúrgico, com a cabeça raspada e prestes a sofrer uma intervenção em que minhas chances de morrer eram de 50%).

Dóris (voz bonita), pontos fortes: personalidade terna e acolhedora, na cama é intensa (mulheres bonitas demais como a Mariana tendem a se tornar preguiçosas no sexo), é centrada e tem senso prático, é cuidadosa com a alimentação (pouco provável que enfeie engordando). Pontos fracos: é chorona, vulnerável e rancorosa. Mariana (bela): é empolgada e estimulante. Tem inteligência aguda, carisma, senso de humor. Pontos fracos: caráter às vezes duvidoso, irresponsabilidade nas finanças, desleixo (desde que nos conhecemos já ganhou ao menos cinco quilos).

No lugar para onde viajei não pega celular, Mariana e Dóris não têm como encher meu saco, trouxe apenas minhas cuecas velhas e confortáveis, as duas me obrigam a usar quando estou com elas aquelas boxers que eu detesto. O refeitório da pousada tem uma vista incrível da Serra de Itatiaia, outro dia li a notícia de que um artista norueguês fez uma escultura com matéria fecal, disse ele que sua proposta estética é mobilizar simultaneamente os sentidos visual e olfativo, vejo uma mulher almoçando sozinha e reparo que talvez ela seja tão bonita quanto a Mariana, puxo conversa ansioso para ouvir sua voz, ela fala e minha alma se enche de alegria, conversamos a distância por um tempo, então arrasto minha cadeira para sua mesa.

RACIOCÍNIO

Entro na sala e vejo minha mulher chorando.

Pergunto o que foi. Ela diz, olhando para a TV, que um ex-ministro morreu.

O nome de solteira da minha mulher rima com débil mental, eu deveria ter tomado a coisa como um vaticínio antes de casar.

E você está chorando por causa disso?, pergunto.

Ela demora até conseguir explicar que está chorando por causa da reportagem anterior, um rapaz com síndrome de down que conseguiu se formar na faculdade.

Mulher gosta de bebezinhos, animais domésticos, plantinhas, qualquer coisa viva privada de raciocínio lógico.

E no que se formou o rapaz? Odontologia?, pergunto.

Ela não responde.

Vou à cozinha, dona Lucélia *née* Cabral (débil mental) virou vegana e disse que se eu quisesse continuar comendo carne era para eu mesmo fazer.

Ponho a frigideira no fogão e acordo quatro meses depois, hospitalizado.

Demoro até entender que tive um derrame.

Não consigo me mover, falar ou mudar a expressão do rosto, que parece a de um demente, com a língua meio para fora da boca. Meu raciocínio, porém, continua intacto.

Minha mulher não sai de perto de mim. Ela me trata por nomezinhos no diminutivo e sempre sorri quando me olha. Parece o sorriso de compaixão que ela deita sobre plantinhas, bichinhos e bebezinhos irracionais, mas eu sei que não é.

INICIAÇÃO

Ela está na parte descoberta do terraço, sozinha.

Ela bebe água e observa os prédios abaixo de si, mantendo-se um pouco afastada do parapeito. A festa é restrita, vetada a qualquer tipo de iniciante. O salão fica num trigésimo nono andar.

As mulheres feias se parecem entre si, porque a feiura é monótona, mas as belas são infinitamente variadas, Pietro pensa.

Aproxima-se daquela mulher e diz, ritos de iniciação são feitos em montanhas ou cavernas.

Augusta volta-se e vê um homem não muito alto nem muito bonito, mas que tem uma segurança cuja razão de ser ela não compreende de imediato. Talvez seja louco, os loucos às vezes dão uma primeira impressão de caráter sólido e autoconfiança.

Esses ritos sempre tiveram um simbolismo de morte e ressurreição, ele continua. Os batismos primitivos, por exemplo, envolviam risco real de afogamento.

Você é de alguma dessas seitas da nova era?

Não, não sou, Pietro ri.

Bom, mas pelo jeito você é um especialista em ritos iniciáticos, Augusta diz, também rindo. Partindo dessa premissa, a que rito você acha que eu deveria me submeter? O da montanha ou o da caverna?

O rito da ousadia e da coragem. Mas pressinto que você ainda não está preparada para ele.

Augusta ri de novo. E como é esse rito da ousadia e da coragem?

Sapere aude, a exortação horaciana, resume o rito, aliás, os ritos. Ouse saber. Saber quem você é. Saber o que verdadeiramente faz você se sentir viva.

O.k. Diga o que devo fazer.

Digo o que você deve fazer aqui, agora?

Claro. Você é especialista em ritos iniciáticos, algum deles deve dar para ser feito aqui, agora. Ou não?

Pietro conduz Augusta a uma área do terraço invisível para quem está no salão. (A possibilidade de estupro é remota – na verdade inexistente, ela sabe disso). Põe as mãos na cintura dela e diz, segure em meus braços. Então suspende o corpo de Augusta para fora do parapeito.

Ela se agarra, em todos sentidos, à grande força muscular que Pietro demonstra ter. E se ele for louco mesmo e decidir arremessá-la?

A suspensão dura menos de cinco segundos. De volta ao terraço, Augusta percebe que suas pernas estão bambas. Ela vai ao banheiro, deita-se no chão em posição coclear e tem sensação de desmaio. Pega um dos envelopes de sal que sempre traz na bolsa e o despeja na língua.

O mal-estar aos poucos se dispersa e é substituído por uma euforia que ela tem certeza de que nunca experimentou.

Sim, a vida tem mesmo um núcleo cheio de significado que apenas pressentimos e que se revela num momento único e fulminante – e o momento único de Augusta acabou de acontecer.

Ela se apruma, retoca a maquiagem e volta ao salão. Procura seu iniciador, mas não o vê. Sente vontade de chorar, como uma criança que tivesse se perdido da mãe num lugar público.

Então, o anseio pelo encontro com aquele homem é seguido, sem transição, pelo horror à ideia de reencontrá-lo.

Augusta sai da festa imediatamente, sem se despedir de ninguém.

DERROTAR

É a primeira vez que Agenor fuma em dezenove anos.

Caminha pelo quarto espargindo nicotina, para em frente a um setor da parede e, impassível, esmaga o cigarro num quadro, friccionando-o em sequência para extinguir a combustão.

Assopra um resto de cinza dos dedos e diz, sabe, Elvira, eu sei que você alcançou notoriedade como pintora, mas para mim seu trabalho nunca passou de um monte de lixo.

Elvira, sua mulher, está sentada na cama, o tronco apoiado num travesseiro.

Agenor vai ao closet, de onde arranca outras telas.

Arrasta-as para o centro do aposento e as dilacera com navalha, enquanto assobia uma canção cuja letra fala sobre estar no céu, o coração bater forte e a pessoa mal conseguir falar de tão exultante.

Chuta os escombros, se joga no sofá e pega outro cigarro. Décadas de desaforo, sempre o mesmo nu masculino aparecendo nas telas, nudez que Agenor sempre soube a quem pertencia. Empunha a lâmina, dá um trago distendido e tenta decepar a cinza, mas ela se quebra e cai.

Elvira, que rebatizou o marido como Joan quando jovens, sentenciando que Agenor era nome de cantor de gafieira, não reage, nem ao tabaco, nem à destruição das pinturas. Estupor catatônico.

Há um ano e quatro meses foi diagnosticada com aquela doença em que a memória é dissolvida como se fosse um antigo filme fixado em nitrato de celulose, material que se decompõe e pode pegar fogo sozinho.

Agenor termina de fumar, mergulha a bituca num jarro de flores e vai se deitar na cama, com os pés voltados para a cabeceira. Abre as calças, tira o pênis para fora e põe a navalha aberta na mão de Elvira. Diz, olhando-a no rosto, que nesses anos todos de casado se relacionou com várias mulheres que não tiveram vergonha de seu verdadeiro nome.

Você não falou sempre que iria me castrar caso descobrisse uma traição minha? Que minha vida não ia dar certo, que eu nunca iria sair debaixo das suas, segundo você, asas protetoras, porque eu sou um homem sem audácia? E então?

Elvira, na terapia de estimulação psicomotora da semana anterior, exercitou-se com lápis e papel. Após um momento imóvel, fixou o grafite num ponto e deslocou-o de um lado a outro, o que resultou num rabisco.

Elvira inspira e expira, a navalha morta em sua mão.

Agenor pensa se cortaria a garganta da mulher, mas percebe que seria inútil. Ela se tornou inacessível a seu ódio.

A MAIOR FELICIDADE DO MUNDO

Liliane e eu somos namorados.

A gente se conheceu na porta do colégio, enquanto buscávamos nossos filhos.

O amor surge quando menos se espera, isso é verdade mesmo, não é coisa só de letra de música.

Hoje levamos Isadora, sua menina, ao cinema. Depois andamos pelo shopping e pude observar, como sempre ocorre, as pessoas olharem para a Isadora e depois para a Liliane e sorrirem com a semelhança entre elas.

O ex-marido de Liliane nunca mais viu a filha depois que saiu de casa. Como alguém pode ser tão cruel?

Tornei-me uma figura paterna para Isadora. Às vezes a levo sozinho à fisioterapia e à fonoaudióloga, as pessoas nos veem juntos e sorriem, a maior felicidade do mundo para mim é essa, ver as pessoas sorrindo. Liliane diz que tenho um coração de ouro, sério, Luís, não consigo entender toda essa dedicação sua, você quer ir para o céu sem escala no purgatório, é isso? Isadora vem fazendo progressos, a primeira palavra que conseguiu escrever foi meu nome.

Sua deficiência mental não afetou as feições do rosto e as proporções corporais, ao contrário da minha filha, Roberta, que nasceu com um comprometimento cognitivo menor, mas cuja aparência sempre foi disforme e, que Deus me perdoe, grotesca.

Roberta, além disso, sempre foi rabugenta e intratável.

Eu ficava muito triste quando passeava com Roberta e via as pessoas tentando dissimular o mal estar que nossa presença causava. Porém, isso não acontece mais. Faz muito tempo que eu deixei de ver minha filha.

()

Há uma mulher bonita sentada sozinha no bar e Fernando decide ir falar com ela.

Qual o seu nome?, Fernando pergunta, sentando-se a seu lado.

Por que você quer saber meu nome?

Saber nomes simplifica um pouco as coisas, você não acha?

Mesmo quando coisas simples recebem nomes complicados?

Seu nome é complicado? Você se chama... *Baluchitherium* ou algo assim?

Não. O que é *Baluchitherium*?

Acho que é um animal pré-histórico, não tenho certeza.

Meu nome é Alexandra. Mas não creio que isso simplifique as coisas.

Hum. Defina simplicidade, Alexandra.

Por que esse interesse sobre minha definição de simplicidade?

Porque se você responder que simplicidade é uma casinha no campo, com uma janela para ver o sol nascer, eu juro que saio correndo.

Pois bem. Simplicidade para mim é uma casinha no campo, com uma janela para ver o sol nascer. E aí, não vai sair correndo?

Não, acho que não.

Por quê?

Oportunamente te responderei isso.

Hum... jogando com expectativas... Você é daqueles homens que acham que a curiosidade de Pandora trouxe o mal ao mundo?

Acho isso também.

E o que mais você acha?

Que a curiosidade de Eva causou a queda do homem? Realmente te interessa saber o que eu acho sobre as coisas?

Pra dizer a verdade, não. Mas estou te dando uma chance para que você ouça sua própria voz e fique eufórico com sua suposta capacidade de dizer coisas inteligentes.

Puxa vida. Você faz isso por generosidade ou o quê?

Na verdade faço por cansaço. Ouvir é menos cansativo que falar.

Uma mulher que prefere ouvir a falar. Eu diria que isso é inédito na minha vida.

Você tem certeza de que tem se relacionado com mulheres, ()?

Fernando. Sim, tenho certeza.

Puxa. E que outras certezas você tem?

Que hoje é sábado. Que aquelas plantas ali são artificiais. Que você irá para a cama comigo num prazo inferior a setenta e duas horas.

Ha, ha. De onde você tirou essa ideia ridícula?

Eu sou vidente. Prevejo acontecimentos futuros.

É sua profissão?

Não. Mas sou profissional nisso, no sentido de que não sou incompetente, amador.

Quer ler minha mão, então?

Quero.

Alexandra lhe estende a mão direita. Fernando olha para suas linhas e diz, olha só, vejo um casamento em seu futuro, futuro próximo. O nome do noivo começa com Fer e termina com nando.

Fernando? Não conheço nenhum Fernando.

Eu me chamo Fernando, já esqueceu?

Ih, é mesmo. Será que é você então que vai se casar comigo, num futuro próximo?

Acho que sim.

“Acha” que sim? Não gosto de homens indecisos, Fernando.

Eu vou me casar com você, num futuro próximo. E aí, contente com seu futuro marido?

Deixa eu ver... vou pensar mais um pouco, daqui a pouco eu te digo, o.k.?

O.k. Eu poderia ir ao banheiro enquanto isso?

Claro. À vontade.

Stay here, I'll be back.

Fernando vai à escada e desce ao lounge e vai ao caixa e paga a comanda e caminha em direção à saída e toma um táxi e volta para casa. Alessandra espera e se levanta e vai procurar Fernando, o homem mais impressionante que ela já viu. Quando percebe que ele foi embora, Alessandra é tomada pelo desalento e murmura para si mesma, não!, não, não.

VOCAÇÃO

Meu pai vive me dizendo, Jussara, suas mãos são perfeitas para o violoncelo, não jogue fora esse dom. Já minha mãe diz, nascer com esse rosto e esse corpo e não aproveitar é como rasgar um bilhete premiado.

Minha mãe quer que eu ganhe dinheiro como modelo, meu pai quer que eu continue estudando violoncelo e me torne uma concertista com carreira internacional.

O problema é que não tenho certeza se tenho verdadeiro pendor para a moda ou para a música. Sim, eu sei que anatomia é destino. Porém, eu quero continuar sendo um mero joguete de fatalidades anatômicas? O que está me faltando é isso, descobrir minha real vocação.

Estou na cama com um sujeito e ele me pergunta, por que você tem as pontas dos dedos ásperas?

Respondo que estou treinando braile para quando eu ficar cega.

Sério?

Sim. Supersério.

O sujeito ri.

É por isso também que você não deixa acender a luz?, ele pergunta.

Exato. Treinamento para minha futura deficiência visual.

O sujeito gargalha e diz, você é boa nisso, hem?

No quê?

Em tiradas. Em sarcasmo. Nunca ninguém te disse isso?

Vocação, do latim vocare, chamado, inclinação, tendência. Aprendi com a disciplina musical que o treino é imperioso para o sucesso, que a técnica se torna uma segunda natureza. Rostropovich se exercitava oito horas diárias mesmo quando já era considerado o melhor violoncelista do mundo.

Preparei-me à exaustão antes de fazer o que posso chamar de minha estreia. Quando tive certeza de estar pronta – e tive certeza de que minha vocação era verdadeira, que irradiava com fulgor infinito do cerne de minha personalidade –, ingeri a famosa poção trezentos e onze dos

alquimistas medievais, cujo efeito é causar uma cegueira total e permanente. Confesso que venho desempenhando minha vocação – não enxergar – com grande desenvoltura e apuro técnico.

A excelência, mistura de dom e esforço pessoal, é meritória. A anatomia, sendo uma dádiva, não merece louvor. E a vocação é o maior mistério pessoal que existe.

MINHA AVÓ

Minha avó apareceu nua numa revista, publicada em 1979.

Quem me contou foi meu tio Flávio.

Segundo ele, as fotos eram artísticas e foram feitas em contraluz por um fotógrafo famoso.

Nada disso, porém, evitou o escândalo familiar.

Nossa família é religiosa e cresci ouvindo a admoestação de que os inimigos da alma são o mundo, a carne, o demônio, etc.

Esse meu tio, que bebe e fuma cigarros, é o único parente que sabe que coleciono revistas antigas de nudez.

Não me considero reprimido em questões de sexo (venho fazendo terapia desde a adolescência), mas confesso que me senti perturbado com essa revelação sobre minha avó.

Ela é uma senhora de sessenta e seis anos, impossível imaginar que um dia já tenha sido atraente ou, pior, que já tenha feito ensaios fotográficos sensuais.

Quando me masturbo olhando as revistas da minha coleção, sempre tomo o cuidado de olhar apenas para mulheres que eu sei que ainda estão vivas.

Na maioria das vezes não é fácil descobrir, mesmo com a internet. As modelos de antigamente costumavam usar nomes fictícios ou passaram a usar o sobrenome do marido depois de casadas.

Quem tinha vinte e cinco, trinta anos no início dos anos oitenta hoje tem sessenta, sessenta e poucos, ou seja, o mais provável é que essas mulheres todas que vejo nas minhas revistas ainda não tenham morrido, mas mesmo assim sinto bloqueio em relação a elas.

Já discuti isso com meu analista, eu disse que me sentiria um depravado, um necrófilo, se me masturbasse olhando para as fotos da Sandra Bréa ou da Wilma Dias.

Descubro em minhas pesquisas que sobraram poucos exemplares da revista em que minha avó aparece nua, o que me faz desembolsar uma boa quantia pela compra.

A revista vem pelo correio, num envelope sem identificação, que imediatamente abro.

A foto da capa mostra uma atriz que eu desconfio que já morreu.

Folheio a revista e finalmente chego às fotos da minha avó.

Constato maravilhado que ela era mesmo uma mulher linda. Suas fotos me causam uma ereção incômoda e imprópria que debelo usando uma técnica que aprendi quando era garoto.

Pelas semanas seguintes me empenho em esquecer a imagem de minha avó nua, saio com várias mulheres, vejo filmes pornográficos, mas tudo se revela inútil.

Finalmente me rendo, pego a revista e vou com ela ao banheiro.

Minha avó, ao contrário da atriz da capa, ainda está viva.

E essa mulher linda que vejo nas fotos, de certa maneira, não é mais ela.

LEITE COM SAL

Seu rosto é uma promessa fresca de primavera, um teste de geometria em que se tirou dez, seus olhos são bonitos e inequívocos como uma logomarca, foi assim que André conquistou Graziela. Logo ele soube que seria transferido para Dusseldorf, Graziela entrou num curso intensivo de alemão, ich bin ein berliner, e o acompanhou.

Oito meses depois, voltaram ao Brasil e se casaram.

Graziela e André formavam um casal belo e fotogênico, as revistas gostavam de saber a opinião deles para colocar em reportagens, junto com as fotos dos dois. Essa perfeição toda seria ofensiva e humilhante num mundo com tanta gente fodida se Graziela e André não fossem, além de tudo, pessoas boas, caridosas, etc.

Ela, que era instrutora de ioga, dava aulas de graça para favelados. Ele, que era economista e trabalhava numa multinacional, distribuía aos favelados bastões de cola e amostras grátis de detergente.

Às vezes, pensar no quanto amava sua mulher fazia André sentir uma dor semelhante a da gastrite. Graziela também sentia dores quando pensava no quanto amava André, sobretudo quando, ao tocar o corpo do marido, notava que ele fingia dormir.

Quando se completaram catorze meses, Graziela mencionou o assunto, amor, alguma coisa está errada conosco.

Decidiram fazer terapia de casal, mas a coisa não se resolveu.

Um dia André estava numa festa e viu uma garota bêbada vomitando. Aquela vitalidade emética toda lhe provocou uma inesperada ereção. Voltou para casa e transou quatro vezes com a mulher.

Graziela soube que jamais se esqueceria daquela data: onze de novembro de 2012.

Passou então a beber diariamente um copo de leite com quatro colheres de sal, o que lhe provocava acessos de vômito que despertavam um desesperado desejo sexual em André.

A bulimia logo se instalou em seu organismo.

Graziela está pesando trinta e oito quilos e André tem tido terríveis crises de remorso, você vai morrer por minha culpa, isso não é justo.

Graziela diz que a vida não é justa, que nada é justo, que ela o ama, que o amará para sempre e que isso é a única coisa que importa.

DESAMPARO

Márcio voltou para a mulher e Raquel, dispensada, vai consultar uma vidente.

Mãe Aldine explica que para fazer trabalho de amarração é preciso alguma coisa orgânica da pessoa amada, cabelo, dente, unha.

No carro, Raquel pensa abatida no que Márcio falou, desculpa, não vou te ver mais.

Evoca o apogeu do romance, ele à mesa corrigindo provas, ela o contemplando do sofá.

Seus cabelos espetados e os olhos azuis. O telefone às vezes tocando, chamada da mulherzinha com cara de foca, e ele desligando o aparelho sem atender.

Raquel via graça até em sua rinotilexia, o ato compulsivo de cutucar o nariz.

A lembrança disso lhe infunde esperança.

Chegando em casa, Raquel vai direto à mesa de jantar. Inspecciona aflita a parte de baixo dos assentos, lugar onde Márcio dissimulava o que extraía das fossas nasais.

Tudo está limpo. A empregada, que tem preguiça de cozinhar e passar, vive se ocupando dessas minúcias inúteis.

Raquel sente tremer uma das pálpebras, vai à sala de estar e se larga no chão. Dobra as pernas contra o abdômen, e acaricia, e dá repetidos e débeis e desamparados socos no vidro da mesa de centro, onde há um decrépito jogo de resta-um do qual não sobrou nenhum pino.

CONCURSO DE MISS

A miss vencedora é anunciada, a garota em quem votei ficou em quarto lugar, aplaudo o tempo necessário, então saio da mesa da comissão julgadora e caminho apressado até o banheiro. Fecho-me na cabine, o primeiro jorro de urina vem muito forte e cai fora do vaso. Na última vez em que isso me aconteceu, no banheiro de um aeroporto, meu avião teve uma pane. Volto para a boate convencido de que uma desgraça vai me acontecer e de que preciso praticar um ato de caridade para revogar essa maldição. Ser supersticioso é uma das piores coisas que existem.

Quando era contratado da TV e recebia convites para fazer filmes e peças, isso antes de um diretor me queimar e eu virar um desses nomes que só são lembrados para compor comissões julgadoras de concursos fuleiros de miss, minha assessoria costumava me incluir em campanhas públicas de caridade, é bom para o marketing pessoal, diziam. Eu desempenhava bem o papel, sou um bom ator, porém intimamente as desgraças humanas sempre me causaram aversão. (Os asilos para mim eram os lugares mais repulsivos, acho que por causa daquelas velhas noveleiras, como você pôde matar a Maria do Carmo só para ficar com a herança dela?) Hoje, quando sou acossado por minhas superstições, urinar fora do vaso, etc., pratico atos altruístas com o devido distanciamento.

Circulo pela boate me indagando sobre que tipo de caridade poderia praticar aqui, quando então ouço uma voz feminina, ei, eu vi a montagem de Volta ao Lar, do Harold Pinter, você estava estupendo no papel do Joey.

Fãs minuciosos são preocupantes, já tive problemas com tipos assim, às vezes acho que o colapso nervoso que gerou (ou agravou) minhas fobias se relacionou com uma fã obsessiva que sabia até o nome do dentista que havia arrancado meus dentes do siso. De qualquer forma fico admirado, você não espera que alguém venha falar de teatro com você num lugar desses, ainda mais a pessoa sendo uma das concorrentes de um concurso fuleiro de miss.

Ela me pergunta onde é o banheiro, tento explicar e acabo acompanhando-a, ela abre a porta com o adesivo de cadeirante e entro no banheiro com ela e lhe dou um beijo e a tiro da cadeira de rodas e me sento na privada com ela no colo, então fodemos e ela se agarra naquelas barras de alumínio e tem um orgasmo cheio de movimentos convulsivos e

espasmos musculares. Gozo também e penso na palavra caridade, acho que fui caridoso, se mulheres normais andam matando cachorro a grito a coisa não tem como não estar pior para uma portadora de necessidades especiais, ainda que candidata a miss na categoria. Acomodo-a de novo na cadeira, lhe dou mais um beijo e peço para ficar sozinho, me espera aí na porta, digo. Ela sai, eu tiro a camisinha e me coloco em frente à privada. Espero o jato de urina vir e penso, eu vou ser mais cuidadoso dessa vez.

SUCÇÃO

Um prédio antigo, de três andares, sem elevador.

Quando Cleo me adicionou, vi as fotos e perguntei se ela morava na Rua Iperoig.

Moro, respondeu.

Decidi então que não iria desperdiçar a chance.

Semana passada levei Cleo para jantar e hoje fizemos sexo pela primeira vez. Cleo agora está no quarto, dormindo.

Ela não sabe que morei neste apartamento dos três aos seis anos. Ela não sabe também que não me interesse por ela, não a ponto de, mas que necessitava dela para entrar aqui. (Cleo, diminutivo de Cleópatra. Onde é que os pais dela estavam com a cabeça?)

São três e trinta e dois e começo minha inspeção.

Levanto-me e vou à cozinha, à área de serviço e então volto à sala. Abro o quadro dos disjuntores e penso naqueles fusíveis antigos, de cerâmica. Reparo de novo que o chão não é mais de tábuas corridas e que a esquadria da janela foi trocada.

Ligo o cigarro eletrônico e me aproximo da parede em que ficava encostado o piano do meu pai, o Essenfelder que hoje está no sítio e que uma vez risquei com canivete.

Crianças normalmente gostam de instrumentos musicais, mas o piano nunca me interessou. Eu achava o piano um móvel grande demais e opressivo demais.

Apanhei por tê-lo riscado, foi uma das poucas vezes em que meu pai me bateu. Ele era maestro, arranjador, músico de estúdio. Mudamos para um apartamento grande no Itaim quando ele se tornou executivo de gravadora e então ficamos ricos.

Eu nunca fui nostálgico, porém uns meses atrás o André chegou ao escritório dizendo que havia entrado na casa onde seus avós moravam quando ele era criança. Havia uma placa de vende-se e ele marcou com um corretor, como se estivesse interessado na compra. Desde então essa história não saiu da minha cabeça.

As pessoas sempre imaginam que certos lugares se tornaram cápsulas do tempo. Mesmo uma pessoa pouco fantasiosa como eu. No fundo eu também estava achando que ao entrar neste prédio voltaria a 1979.

Desligo o cigarro. Ouço Cleo sair do quarto e caminhar pelo corredor. Ela chega à sala, me sorri e pergunta, sem sono?

É. Vim dar umas baforadas.

Cleo está sem roupa e constato mais uma vez que ela é uma mulher muito bonita. O que será então que me desagrada nela?

(Por que eu voltaria a 1979?)

Cleo vem ao sofá e deita a cabeça no meu colo. Diz, bom o cheiro. Não parece cigarro.

É. Estava aqui, fumando e me lembrando de umas coisas, digo.

Que coisas?

Estava me lembrando que eu não gostava de teatro quando era pequeno.

Sério?

Sério. Aliás, continuo não gostando de teatro.

Cleo ri.

Minha mãe era atriz, digo. Eu não entendia por que os atores no teatro gritavam tanto. Quando eu era pequeno tinha um maluco na minha rua, o mestre Vicente. Ele andava falando sozinho e às vezes falava gritando como a minha mãe e seus colegas atores.

Cleo tira minha cueca.

Uma vez perguntei a ela por que os atores de teatro gritavam e os atores da TV não gritavam, digo.

E ela explicou?

Não.

Cleo começa a me sugar e fecho os olhos. A sucção faz eu me sentir como se estivesse sendo tragado pra fora de um útero. (A Cleo é uma das mulheres mais belas que já vi. Por que eu voltaria a 1979?) Contração,

dilatação. Eu sei que esse processo é irreversível. E eu sei que ao final disso tudo eu terei nascido, e estarei aqui e agora como nunca estive antes.

CONTEMPLAÇÕES AMOROSAS

Nádia gosta da minha voz e acabou de pedir, fale, fique falando, quero ouvir sua voz, só ouvir. Estou em pé em frente à cama e começo a dizer números aleatórios enquanto a observo deitada, nua, sua pele alva parecendo irradiar na semiescuridão do quarto. Digo, você é linda. Ela ri. Repito, você é linda, prorrogo a duração da sílaba lin, sinto sua vibração, primeiro em minha laringe, depois se irradiando pela musculatura peitoral, então num reflexo busco minha imagem num espelho e me aproximo dele para me observar melhor. Peitoral.

Fui sedentário e flácido até os trinta e seis anos, um dia uma mulher riu quando tirei a camisa nesse mesmo motel, nossa, você está precisando malhar um pouco, hem, comecei a fazer dieta e a praticar musculação, em menos de um ano meu corpo, que até então tinha sido causa de vergonha e humilhações eventuais, tornou-se fonte de orgulho e segurança. Podem dizer o que for, que é a química e o charme que atraem e outras balelas, o fato é que minha nova realidade física fez o número de mulheres que levei para a cama saltar de menos de trinta (até antes de começar a me exercitar) para quase duzentas. Tudo isso, é claro, nada tem a ver com amor. Amor é o que sinto pela Nádia.

Amor, desejo de eternidade do ser amado, contemplação amorosa, o que os olhos não veem o coração pode sentir, pode sim, Francine sempre diz isso, mas sei que é da boca pra fora, sua ênfase visual está fora de qualquer dúvida, costumo responder a ela, que nada, sua pilantra, se não fosse essa minha articulação perfeita de músculos você estaria por aí dando para outros saradões, é ou não é?, ai, Tarcísio, sabe que às vezes eu te acho insuportavelmente vulgar, estúpido e insensível?, ho, ho, é isso aí, madame, quer sensibilidade vá procurar com seus amigos bichinhas e comunistas lá do teatro.

Francine não é tão bonita quanto a Nádia, aliás, ela não é exatamente bonita, tem meio cara de vadiazona, de mulher do segundo time, queima o filme circular com ela em certos ambientes, o que evito. Então, por que mantenho essa relação? Porque ela gosta de sexo anal como jamais vi outra mulher gostar? Porque seu ar de esculhambação me excita? Porque ela é gostosa? Porque Francine averba para mim, com seu sentido visual enfático e excludente, com seu primarismo pouco afeito a sutilezas, que não sou mais um gorducho desprezado no mercado do amor e do sexo?

Nádia não tem e nunca vai ter noção do quanto é linda, penso, enquanto continuo a emitir palavras para que ela se deleite com minha voz, *Ilíada*, *rapsódia cinco*, tomando da mão de Ares forte, a de olhos glaucos Atena, etc. Amar é desejar que o objeto de nosso amor permaneça para sempre sendo exatamente aquilo que ele é, mas, diabos, por que certas coisas têm de ser como são? Se a justiça é cega e a cegueira é injusta, há silogismo possível? Daqui a pouco iremos embora do motel, então levarei Nádia até sua casa e a conduzirei pelo braço até o portão e ela dirá, não se preocupe, daqui eu sei ir sozinha. Então daremos um beijo e, de olhos fechados, pensarei aflito na eterna escuridão daquelas órbitas separadas das minhas pelos milímetros e pela fatalidade, cabra cega, mau desenvolvimento da vascularização da retina por nascimento prematuro, Nádia. Então eu pensarei em Francine, em sodomia, musculação, esteroides, ginecomastia, merda, Big Brother, Sampa, níver, churras, facul, miguxa, euzinha, nojinho, comidinha e pensarei, sim, Francine, sua safada, eu preciso de alguém capaz de me enxergar.

BICICLETA

Os pais de Olegário são ricos, mas dão pouco dinheiro a ele.

Olegário comprou uma bicicleta, francesa, de segunda mão, com uma parte do quadro soldada. O dono anterior sofreu um acidente com ela.

A compra dessa bicicleta, apesar da soldagem no quadro e de uma roda que não foi desentortada adequadamente, deixou Olegário muito feliz – depois de seis meses ainda sente prazer em pedalar, especialmente num dia como hoje, um sábado de sol, bem cedo.

Vai à garagem e a empurra com a mão até a calçada. O barulho do cubo parece o tambor de um revólver girando, trrrrrrrrrrrrr.

Uma vez Olegário cogitou usar uma das armas de casa para obter à força algo que estava querendo muito, mas que o pai dissera que não ia comprar.

Então se horrorizou: descobriu que podia fazer coisas más e irreversíveis.

Olegário tinha onze anos e soube que nunca mais seria a pessoa inocente e feliz que fora até então.

A rua em que Olegário mora tem nome de país europeu e acaba na Faria Lima.

Ele pedala até o Largo da Batata, depois volta e pega a descida que conduz ao estacionamento externo do Shopping Iguatemi, uma área arborizada em que qualquer pessoa pode entrar (estamos em 1986, ainda não há cancelas, vigilantes, etc.).

O estacionamento está vazio, o shopping só abre às dez.

Olegário observa os fundos de uma loja de discos, o cano de um exaustor, uma árvore, e pensa no que viu ontem na TV, a reportagem de um homem que vendia borrifadas de desodorante no banheiro de um forró.

Um carro, novo, com rack para prancha de surf, entra no estacionamento.

À distância Olegário vê que é um casal.

O motor do carro é desligado. Um sujeito forte, com uma camiseta em que se vê uma linha de arame farpado sobre um sol (suncity, artistas unidos contra o apartheid), desce e vem até ele.

É o seguinte, meninão, diz. Estou com uma gata ali no carro. Se você ficar por aqui ela não vai fazer nada, vai ficar com vergonha. Pode fazer o favorzinho de cair fora?

A voz do sujeito parece mais cheia de ss do que o normal, como se suas gengivas estivessem anestesiadas.

O sujeito se afasta e diz para a mulher, o bundão já vai embora, aí gira o tronco para Olegário e diz, com a mão em formato de concha ao redor da boca, não é, bundão?

A mulher desce dando risada e diz, indo na direção de Olegário, cara, que chocante, você se parece demais com um primo meu!

Vem, o sujeito diz, pegando-a pelo braço. Os dois voltam ao carro.

Olegário permanece no mesmo lugar, olhando o casal de modo desafiador. Sabe que se for covarde irá passar meses pensando, eu podia ter reagido assim, etc.

O sujeito dá a partida e avança contra a bicicleta, freando bem próximo.

E aí, bundão, vai embora ou não vai?

Engata a ré, toma distância e vem de novo. Então Olegário pega a bicicleta e a arremessa contra o carro, atingindo o capô e o para-brisa.

O sujeito desce e corre atrás de Olegário.

Olegário consegue despistá-lo e se esconde no hall social de um daqueles prédios que ficam atrás do shopping.

Olegário ouve o barulho do sujeito passando várias vezes com o carro por cima de sua bicicleta.

Volta ao estacionamento quando não escuta mais nada.

Aproxima-se da bicicleta, fica olhando para ela.

Quando viu um cadáver pela primeira vez – na praia –, Olegário reparou nisso. Toda coisa destruída tem a mesma aura de silêncio.

COMER

O destino de quem ama é comer a pessoa amada? A mulher só pode ser comida *intra vas* ou pelo outro pasto, pela boceta ou pelo cu? Eu acreditava nessa pobre limitação, no sentido mais rudimentar da palavra comer, até encontrar Adriana.

Estávamos numa excursão na Inglaterra. Sentada a meu lado no ônibus, uma hora ela murmurou as palavras *liver*, *pool*, fígado piscina, e riu. Começamos a conversar e falei que os antigos consideravam o fígado a sede da vitalidade, daí que Jung interpretou Liverpool como lago da vida. Ela perguntou se eu era médico e respondi que sim.

No dia seguinte tomamos café da manhã juntos, ovos, feijão, bacon, o clássico desjejum britânico. À noite fomos para seu quarto.

Comer, tanto no sentido nutritivo quanto no amoroso, subentende assimilar, porém nenhum homem compreende isso até que esteja amando. A verdade é que ninguém entende nada sobre o amor e sua inesgotável urdidura de avanços e recuos, perguntas e respostas, assimilações e dejeções.

Adriana permaneceu na cama depois do sexo e perguntou qual era minha especialidade. Eu não disse na hora e menti que era endocrinologista. Fiquei observando seu corpo exibido em decúbito lateral, Adriana era bela como uma égua recém-saída do estábulo e dada ao sol da manhã.

Voltamos ao Brasil e passamos meses num modo de vitalidade expandida que levou Adriana a dizer, nunca senti por alguém, Cléber, o que estou sentindo, me prometa que você vai viver para sempre. Toda promessa é temerária, mas o amor incute a falta de medida obrigatória para que nos julguemos aptos a tomar decisões soberanas sobre o sempre e o nunca. Prometi que tanto eu quanto Adriana jamais morreríamos.

Porém ela morreu, ontem, de aneurisma cerebral. Quando soube a primeira coisa que senti foi vontade de fumar.

Pensei na solidão maníaca e deliciosa que só o tabaco oferece. Lembrei-me de uma noite em que meu único cigarro caiu na privada e eu, em desespero, cogitei secá-lo, ressuscitá-lo no micro-ondas. Faz quatro anos que não fumo.

Depois pensei na promessa que eu havia feito sobre a imortalidade. Poderia cumpri-la de algum modo?

Eu já autopsiei tabagistas e não tabagistas, alcoólatras com fígados arruinados e pessoas com fígados saudáveis doados para transplante, obesos sedentários e atletas, todos igualmente mortos, como médico legista eu sei mais do que ninguém que o sempre é uma palavra vetada à espécie humana.

Eu sei também que a ideia que me ocorreu hoje de manhã talvez tenha um valor apenas simbólico, não factual. Não vou entrar nos detalhes burocráticos sobre como consegui ficar a sós, agora, com o corpo de Adriana.

Acaricio seus cabelos e olho com ternura para seu rosto. Faço então a incisão em seu tórax, retiro o plastrão condroesternal e observo que seus órgãos estão todos intactos, o pâncreas, o baço, o fígado. Adriana era uma mulher jovem, sem vícios ou hábitos deletérios. Penso que a natureza é voraz, que toda essa perfeição estará podre em pouco tempo. Contudo, a natureza às vezes pode ser vencida pela rapidez com que tomamos certas decisões.

Extraio o fígado de Adriana e o ingiro (comer, do latim *comedere*), ignorando seu sabor amargo e ferruginoso. Ignorando mais coisas, talvez.

No fígado está a sede da alma, segundo os antigos. Espero que Adriana, assimilada dessa forma (carne da minha carne), possa viver em mim para sempre.

MACONHA

Eu odeio maconha, já ouvi umas quinhentas vezes a ladainha de que a maconha foi proibida para favorecer as fibras sintéticas da DuPont e ferrar com os produtores mexicanos de cânhamo, o problema é que talvez eu seja viciado em foder mulheres bonitas, mesmo as apreciadoras de tetraidrocanabinol.

Fábio?

Diga.

Posso te fazer uma pergunta?

Pode, claro.

É a quarta vez que você recusa meu boquete. O que está havendo?

Nada.

Como nada? Você era maníaco por sexo oral. Já enjoou de mim?

Claro que não, Sandra.

Você acha que eu não chupo bem? Pode ser sincero, vai. Chupo ou não chupo?

Você chupa bem, não se preocupe com isso.

Então o que está acontecendo?

Nada.

Fábio... não faz sentido essa mudança no seu comportamento, você não está sendo nem um pouco convincente, o que é que há? É outra mulher?

Não.

O que é, então?

Falei que a maconha inibia a salivação e que, apesar de ela ser muito boa na coisa, uma boca sem saliva era algo meio desestimulante.

Seu puto. Vai arranjar por aí então uma boca bem molhadinha, vai.

Sandra ficou seis dias sem me procurar, me bloqueou na internet, então recuou e disse, Fábio, eu vou até aí, agora, ela apareceu no meu

apartamento e abaixou minhas calças e percebi que ela não havia fumado, sua boca estava úmida e escorregadia, está bom assim?, ela perguntou, eu disse que estava, e estava mesmo.

AUTOCONHECIMENTO

A garota que está na minha cama, mexendo no controle remoto do ar condicionado, tem dezenove anos e os cabelos pintados de magenta. Sou quase três décadas mais velho que ela, o que às vezes me dá uma sensação de repugnância, em especial quando noto nela algum traço ou postura ainda infantil. Conheci-a quando ela levou sua cadela da raça whippet para ser vacinada em minha clínica. Ao vê-la, uma corrente elétrica atravessou a base da minha coluna. Nunca havia me sentido perturbadoramente atraído por uma mulher tão jovem.

Seus pais a princípio afetaram uma reação de escândalo com nosso namoro, mas logo aceitaram a autoridade que, sem querer, exerço sobre a filha deles. Valéria é diferente dos pais, duas pessoas confusas, desarticuladas, pouco inteligentes. Às vezes tento entender de quem ela herdou a capacidade para ver o mundo com tanta clareza e para nomear as coisas com uma precisão tão irretocável. Contudo, apesar desse talento, Valéria ainda não sabe que vestibular vai prestar. Na última semana ela disse, talvez jornalismo, talvez psicologia.

Toda profissão tem suas sordidezes. Apesar de a inteligência da Valéria predispô-la a um certo cinismo, ela não tem a baixeza necessária para ser uma jornalista de sucesso. (Sou neto, filho e sobrinho de profissionais da imprensa, da televisão, da comunicação corporativa, etc.) Psicologia também não me parece uma decisão acertada. Qual então poderia ser sua escolha? Veterinária? Engenharia? Direito? É curioso como nesse momento me sinto o tutor, o cuidador da Valéria, angustiado ante as negociações que ela terá de fazer com o mundo e de como isso poderá levá-la a se corromper, a perder seu caráter, sua graça essencial.

Volto para a cama e observo sua tatuagem recém-feita, ainda coberta com plástico e bepantol. Um pensamento surpreendente me ocorre e lhe digo, Valéria, se uma pessoa conhecesse você melhor do que você mesma se conhece, você perguntaria o que a essa pessoa?

Você acha que me conhece mais do que eu mesma me conheço?, ela responde.

Digo que talvez, de certa forma, já que sou vinte e sete anos mais velho, mas não só isso, digo que ela é uma pessoa transparente, talvez a pessoa mais transparente que já conheci, e que muitas existências fracassadas começam com uma decisão baseada numa suposta vocação

que na verdade não temos. Digo então qual acho que seja a verdadeira vocação de Valéria, a vocação que, se seguida, impedirá que ela perca o caráter e a translucidez. Ela apenas me olha, se levanta, se veste e vai embora sem dizer nada. Passo o dia tentando ligar para ela, mas ela não atende.

À noite ela aparece e me pergunta, como você descobriu? Pergunto, descobri o quê? Que eu faço programa. Você o quê? Valéria diz que faz programa desde antes de me conhecer, que atende alguns poucos clientes. Pergunto enraivecido por que ela nunca me contou, em seguida me afasto, temendo ter o impulso de lhe dar uma bofetada, e vou para a varanda. Ela também vem para a varanda e me abraça por trás e me sussurra, eu te amo, Luís. Eu não digo, mas penso, admirado com sua retidão e sobretudo com seu autoconhecimento, eu também te amo.

TRATO URINÁRIO

Então liga agora para sua mulher e diga que vai se separar dela, Estefânia me diz. Observo aflito seu corpo em trajes de banho e penso em quando a vi pela primeira vez, dançando uma coreografia da Twyla Tharp.

Digo mais uma vez para ela deixar de bobagem, vai, Estefânia, desce daí.

Ela volta a caminhar sobre o parapeito, um andar sem hesitação, dezoito anos de balé clássico, treinamento de trapezista, pilates. Estamos na piscina de seu prédio, a quarenta metros de altitude.

Se não quiser ligar eu ligo, ela diz, sacudindo o telefone.

Estefânia, você não está sendo razoável. Olha lá, o pessoal do outro prédio já está tudo olhando.

Eles que se fodam. E quem não está sendo razoável é você. Faz um ano que só me enrola. Impressionante, como eu pude cair nesse papinho manjado do meu casamento está falido e vou me separar?

Aproximo-me do parapeito, num ponto distante de onde Estefânia está, e vejo na rua um grande ajuntamento de pessoas olhando para cima, supondo se tratar de uma ameaça de suicídio. Um carro da TV chega, de onde saem um cinegrafista e um repórter.

Eu vou contar até vinte, se você não ligar, está decidido, eu ligarei, ela diz.

O zelador aparece com dois policiais, olho para eles e faço o gesto com o dedo indicador girando apontado para a têmpora, ela pirou. Os policiais caminham com cautela na direção de Estefânia, dizendo, calma, moça.

Eu não vou pular, eu só quero que esse calhorda aí cumpra uma promessa que me fez.

O.k., eu vou telefonar, digo. Embora não faça mais diferença. A televisão está aí embaixo. Daqui a pouco nossa bela e romântica história vai estar no ar, em rede nacional. Satisfeita?

Não. Eu quero que você ligue para aquela vaca. E ponha no viva-voz que eu quero ouvir.

Teclo o número da minha mulher e a chamada cai na caixa postal, oi, aqui é a Cristina, no momento não posso atender, etc.

Vai, deixa recado, Estefânia diz.

Olha, Estefânia, quer saber?, tchau, estou indo, deem um jeito nessa louca aí.

Caminho até a parte lateral da cobertura e entro no banheiro. Desço as calças, urino e toco a descarga. Pego papel e seco a glândula até deixá-la sem qualquer resíduo de umidade. Circuncidado no oitavo dia. Qual será a sensação de ter prepúcio? Estefânia me disse, quando comecei a seduzi-la, ei, para de mijar no meu poste, você é casado, eu não saio com homens casados, e eu respondi, mijar?, quer dizer que você acha que o que eu tenho a te oferecer não passa de um tratado, um trato urinário? Fico olhando para meu pênis, flácido, murcho, inocente.

INCERTEZAS

Acho que estou numa exposição de arte, mas não tenho certeza. Quem me trouxe a esse lugar foi a mulher que talvez ainda seja minha namorada. Ela é muito bonita – a Lílían é um camafeu, como diz minha mãe – e faz muito sucesso nesse tipo de evento. Aquela com quem Lílían está conversando, a dos peitões e com cara de cavalo, é a curadora, que é lésbica e que teve câncer. Minha namorada, até onde eu sei, não é lésbica. Há quatro homens nessa exposição com quem ela já foi para a cama.

Você imagina que continua namorando alguém quando ouve de tempos em tempos, esse é Miguel, meu namorado, mas faz tempo que Lílían não diz isso. E quando digo, Lílían, minha namorada, não sei por que me sinto um farsante. É verdade que faz tempo que estamos juntos, todos sabem que somos um casal, não precisamos ficar repetindo isso.

Lílían recebe todo dia um e-mail de um remetente anônimo, eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse aquecer minha mão entre suas nádegas. Perguntei se ela não queria que investigássemos isso, se ela não se sentia ameaçada, mas Lílían respondeu que não, que quando as mensagens chegassem a mil e uma ela as imprimiria e faria um painel para mandar para a Bienal de Veneza.

Lúcio, Douglas, Tiago e Norberto. Os quatro homens com quem Lílían já foi para a cama (antes de nos conhecermos) e que estão hoje aqui.

Há outros dois de que não tenho certeza.

Vou ao banheiro, sento na privada, pego meu iPhone e digito, eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse aquecer minha mão entre suas nádegas. Lílían nunca respondeu a nenhuma dessas mensagens e acho suspeito ela não querer investigar. Será que intimamente ela alimenta alguma fantasia em relação a esse suposto stalker?

Nunca descobri nenhuma traição sua, mas não consigo tirar essa ideia da cabeça. É impossível uma mulher tão bonita ser fiel.

FLUXO E REFLUXO

Daniel abre o envelope e lê, autuação por excesso de velocidade, local Avenida Marquês de São Vicente. O carro, embora esteja em seu nome, é usado apenas pela mulher, Solange. Um braço masculino aparece na foto, apoiado na janela do passageiro.

Você acredita? é uma pergunta sempre feita a coisas improváveis como Deus, santa claus, disco voador, aquela multa significar outra coisa que não o óbvio, casal à noite numa região de motéis.

O papel atravessa o escâner, a imagem digitalizada fica torta e Daniel repete o procedimento. Olha para a tela do computador e desliga tudo sem salvar. Pega o capacete e a chave da moto.

Solange uma vez lhe contou que o avô paterno vendia borrifadas de desodorante no banheiro de um salão de baile, cuidado comigo, mocinho, sou ex-pobre, ex-pobre é a criatura mais materialista e gananciosa que tem.

Por que não levar a sério as confissões feitas em tom de piada?, como é que pude me casar com uma pessoa assim? são perguntas que ocorrem a todo mundo.

O elevador para e a porta cede sem resistência, Daniel-fora puxa e Solange-dentro empurra.

Ei, aonde vai?, ela pergunta, sorrindo, os olhos dilatados pela surpresa.

Daniel não consegue responder e vomita na mulher.

RASTREAMENTO

Gosto de tentar adivinhar o nome real das garotas de programa, meu nome é Patrícia, Jéssica, Aline, Sophia, Google, sonhar com incêndio significado, fiz um perfil num site de encontros, não coloquei foto, não descrevi como sou e o que busco, informei apenas que tenho 44 anos e que sou casado, o fogo, assim como o sol, é um dos símbolos universais da libido, podendo representar tanto a energia sexual quanto os processos de sublimação e purificação, minha mulher é do signo de gêmeos, geminianos tendem à descontracção e ao desapego afetivo, há, até parece, ciúme, do latim *zelumen*, exacerbação do zelo, meu carro tem um rastreador que ela fez questão de instalar, segurança, amor, em caso de sequestro, eu disse a ela que ia jogar baralho na casa do Demétrius, deixei meu carro lá e fomos com o dele, Demétrius disse, vou te levar num lugar incrível, nada a ver com esses puteiros tradicionais.

Rastreador, rastrear, rastro, fiquei pensando nessas palavras enquanto fodia Sônia, cujo nome verdadeiro talvez fosse Maria Isabel. Perguntei uma vez à minha mulher, Magali, se você fosse garota de programa, que nome usaria? Ela imediatamente respondeu, se eu fosse garota de programa eu usaria o nome Verônica, me surpreendi que minha pergunta não gerou desconfiança ou desconforto nela, por muito menos ela já me fez altos interrogatórios, Renato, o que você estava fazendo ontem na Raposo Tavares, bem na região dos motéis?, se um dia eu descobrir uma traição sua, juro que te mato.

Voltamos para o prédio do Demétrius e decidi deixar meu carro lá e voltar de táxi, eu havia bebido e não queria me arriscar a ser parado numa blitz, cheguei em casa e minha mulher não teve tempo para nada, o rastreador que ela instalou para me vigiar indicava que eu continuava a tranquilizadores catorze quilômetros de distância, o homem nu em cena era um vizinho nosso, saí do quarto e me arrastei ao banheiro e me larguei no chão e durante alguns segundos não soube dizer se minha vontade era de chorar ou vomitar.

OMELETE

Meu pai estava parecendo um fantasma, o câncer dilacerou seu corpo outrora imponente e vigoroso. Sabendo do fim próximo ele me chamou para uma conversa.

Seu relato foi muito confuso, dada a quantidade de morfina que estava tomando (além disso, as metástases já haviam atingido seu cérebro): ele falou de pessoas mortas como se estivessem vivas, mencionou um Mercury 1951 – um dos carros que meu avô teve –, instruiu-me a respeito de investimentos financeiros, recobrando, ao mencionar esse assunto, uma assombrosa lucidez e precisão analítica. Por fim, ele disse que eu não era seu filho biológico, que minha mãe tinha tido um caso com o Cláudio, irmão dele, e que, portanto, eu deveria me vingar da forma que achasse mais justa.

Como eu poderia acreditar no que me dissera uma pessoa cuja mente estava em avançado estado de desagregação? Como eu poderia não acreditar na mais íntima e dramática confissão que meu pai me fizera em seu leito de morte?

Levei meu tio Cláudio e minha tia Eleonora ao teatro, a peça era do Nelson Rodrigues, minha tia ficou doida quando lhe disse que um dos atores da peça era um ator famoso da TV, o passatempo predileto dela é ir ao aeroporto para ver artista.

Notei que meu tio ficou muito perturbado numa cena em que um sujeito beija o pescoço da cunhada, depois ele disse, enquanto estávamos jantando, que a sordidez suburbana do Nelson Rodrigues já deu o que tinha que dar, que o tempo havia transformado sua dramaturgia numa coisa risível, que inclusive o Nelson era um canalha que tinha apoiado a ditadura militar.

Meu tio agora está dormindo. Será que está sonhando? Talvez. Talvez ele esteja sonhando com uma feijoada, já que faz cinco dias que ele não ingere nenhum alimento. Suas necessidades têm sido feitas num penico, dado que ele está algemado a uma cama com pesada estrutura de ferro. O sítio onde estamos se situa na zona rural de Limeira, não há vizinhos num raio de dois quilômetros, ninguém pode nos ouvir. Acordo-o com o barulho que faço ao arrastar uma mesa. À vista dele ingiro três ovos crus, depois mastigo um naco de queijo prato e ligo o fogão. Engulo o queijo, ponho o dedo na garganta e vomito tudo numa frigideira. O

vômito aos poucos se transforma numa omelete, que ofereço a meu tio, que a devora, coagido por uma estrita necessidade de sobrevivência.

USURPAÇÃO

O adúltero é um usurpador de si mesmo, quem viola o compromisso de fidelidade perde o direito legítimo ao ato conjugal, meu filho escreveu isso em seu blog. Ele está falando de mim, minha mulher descobriu meu caso e ele resolveu dar uma de vingador da mãe me insultando em público, mesmo sem ter nenhum conhecimento de nossa intimidade.

Adivinha com quem você está ficando parecida, dona Mírian?, você está ficando parecida com aquela fulana rechonchuda que ensinava receitas de pudim na TV, se você tem tanta indiferença assim ao sexo por que não foi para um convento em vez de se casar comigo?, então Gertrudes, power yoga, Husserl, Leibniz, por que existe algo em vez de nada?, estava naquela festa e conhecê-la me fez voltar a ser uma pessoa inteira, nada como uma mulher apaixonada para nos despertar essa plenitude. Fomos muito felizes até que a megera descobriu tudo e passou a nos atormentar com seu rancor e a estimular o ódio do rapazinho contra mim, oitenta por cento das mulheres soropositivas foram contaminadas por seus maridos infiéis, segundo pesquisa, isso ele também publicou no blog, blog, essa palavra ridícula, aliás como todas aquelas outras, blogueiro, tuitar, dar um google, etc.

Oitenta por cento, noventa por cento, na verdade esse ódio todo dele vem de quando comecei a notar suas tendências e pedi que uns primos meus, o Gui e o Rô, o levassem a um bordel. Não fiz isso por mal, às vezes de cara um garoto não leva muito jeito com as mulheres, mas acaba aprendendo e pegando gosto, achei que estava facilitando as coisas para ele (biologicamente ele é meu sobrinho, me casei com minha ex-cunhada quando ele era bem pequeno), porém foi aí que ele passou a andar ostensivamente com o tal do Horácio e eu larguei mão, ser ou não ser homossexual não era uma questão minha, como pai me limitei a me sentir um pouco decepcionado.

Eu experimentei pela primeira vez o amor de forma completa aos quarenta e seis anos, Gertrudes e eu jogávamos tênis e passávamos horas em seu apartamento ouvindo música, conversando sobre filosofia, indo para a cama, seu corpo me lembrava o das mulheres pintadas por Ingres (v. Isabella Rossellini, *Blue Velvet*, peças íntimas pretas), ela gostava de ser possuída de bruços, colocando um travesseiro sob o ventre para erguer a região pélvica, e sempre pedia para gozarmos juntos, depois disso

sempre me deitava ao lado dela, encostava o rosto em suas costas e deixava que a fadiga ocular transformasse sua tatuagem num borrão, galáxia, cúmulus nimbis, a felicidade é uma coisa desse mundo, eu pensava.

Você sempre viveu à custa da mamãe, doutor Cláudio, só não se separa dela porque ela tem dinheiro, agora deu pra andar com essa piranha aproveitadora metida a professora de ioga, se algum dia eu desconfiar que vocês estão tramando alguma coisa contra nós eu juro que mato vocês. A perícia disse que o carro atingiu Gertrudes a uma velocidade alta, o atropelador fugiu sem prestar socorro e ninguém testemunhou o acidente, nenhuma casa no trecho da rua tinha câmera de segurança, fragmentos de uma das vértebras penetraram na medula, se Gertrudes sair do coma e se recuperar das lesões cerebrais passará o resto da vida numa cadeira de rodas.

O desespero é o promotor da credulidade, me consultei com um médium e ele disse que um trabalho havia sido feito, coisa para matar, pensei em várias formas de vingança e insurgência, ei Laertes, ouvi dizer que você é chegado numa lutinha de espada, verdade?, e como está sua carga viral?, te dou dez mil para você seduzir e contaminar um garoto pernóstico, odioso e homicida, não, eu não posso me fiar na palavra de um pai-de-santo, responsabilidades dependem de uma relação inequívoca de causa e efeito, Gertrudes virou uma fonte de sinais vitais monitorados por aparelhos numa UTI e nada mudará isso, a vida é uma coisa triste, as pessoas são feias, deselegantes, burras, parei de jogar tênis e venho ganhando peso, logo mais vou ter que comprar umas roupas maiores.

VARIEDADE

Meu consultório está com dois aluguéis atrasados, sou psicólogo, atendo poucos pacientes.

Minha vida amorosa foi bastante variada até que fiquei fóbico. Primeiro tentei me autoanalisar, água corrente, me sentir acorrentado, prisão, usei até o teste de Szondi, embora eu seja junguiano, depois fiz um monte de exames, os médicos disseram que eu não tinha nada, você tem uma saúde de touro premiado, rapaz, desfrute-a.

Como é que um ruído que você ouviu a vida toda sem mais nem menos passa a dar a sensação de que vai te enlouquecer? E por que tive de conhecê-la já acometido por esse mal? Mônica estava tocando teclado numa praça de alimentação num shopping em Itu, eu estava num congresso e tinha ido comer, esperei ela terminar de tocar e convidei-a para um café, conversamos por duas horas, quando voltei para o hotel me deitei, apaguei a luz e fiquei lá, refletindo, o telefone tocou e eu não atendi, o telefone tocou de novo e eu não atendi. Fobia, do latim *fobos*.

Evelina, uma paciente, pergunta, o que significa sonhar com morcegos? e com sabão em pó?, meu sono anda superleve, outro dia me levantei no meio da madrugada e liguei o computador só para ver se ele tinha respondido, eu detesto pensar nele o tempo todo, mas o fato é que não consigo não pensar.

O marido de Evelina, Lindomar, me escreveu dizendo que sabia que ela estava envolvida com outro homem e que eu, como analista dela, certamente conhecia os detalhes, disse então que tinha uma proposta para me fazer, pensei em responder que são os detetives, não os psicólogos, que fazem flagrantes de adultério, pensei também em mandar o cara tomar no cu, porém decidi ignorá-lo.

Minha fobia está me fazendo chegar a um limite, faz oito meses que não tomo banho, o ruído de água corrente dentro do box me dá vertigem, parece que vou desmaiar, uso aqueles lenços umedecidos, mas não é a mesma coisa, me sinto sempre sujo, pensei em instalar uma banheira em casa, mas o senhorio não concordou, um homem incapaz de tomar banho e incapaz de pagar o aluguel do próprio consultório não pode ter namorada, foi por isso que tão logo conheci a Mônica e me interessei por ela já decidi me afastar, bloqueei seu e-mail, troquei o número de telefone que lhe havia dado.

Ouvi falar de um xamã que curou um homem que sofria de geófilofobia, medo de atravessar pontes, é patético acreditar nessas coisas, médiuns, bruxos, mas preciso tentar algo, minha vida está paralisada, a qualidade do meu trabalho está ficando comprometida, o problema é que não tenho dinheiro para ir até o Peru, a proposta que Lindomar, o marido da Evelina, me fez é inaceitável, ele quer que eu a grave falando do amante, para quê?, se ele já tem certeza do que está acontecendo que diferença faz? No mais, o conselho poderia cassar minha licença, a coisa talvez até virasse processo criminal, minha profissão pode ser uma merda, mas não tenho outra.

Ou.

Blefe, logro, eu disse ao sujeito, gravar eu não posso, você vai ter que confiar na minha palavra, sei que homens que suspeitam de suas mulheres são ávidos por qualquer coisa que possamos dizer, sei também que todos esperam que alguém desminta suas suspeitas, combinamos um valor, então eu disse a ele, suas desconfiças são infundadas, a Evelina jamais te traiu, o sujeito foi decente e depositou o dinheiro exato que combinamos, viajei ao Peru, o xamã me fez beber um líquido que me induziu a um estado de psicose tóxica, quando voltei a Lima a primeira coisa que fiz foi entrar no chuveiro, girei a torneira e fiquei esperando os sintomas fóbicos eclodirem, o que não ocorreu.

Lindomar está diferente, doutor, está mais carinhoso, atencioso, tenho pensado até em me reconciliar, o outro não está dando as caras mesmo, o que você acha?

Oh sim, *varietas delectat*, a variedade agrada, o problema é que depois de um tempo você percebe que nada é mais invariável do que as supostas variedades. Levantei-me outra noite e liguei o computador para ver se ela havia respondido, Mônica, quando a gente se conheceu eu não estava num momento bom, tentei te explicar isso, aliás, já é a terceira mensagem que te mando, acho que você não está a fim de conversa, eu entendo, voltei para a cama e fiquei lá, me sentindo torturado por pensamentos soltos, frouxos, números, deuterônômio, penta, hexa, então me levantei de novo e liguei o computador.

DOCUMENTÁRIO

Ilana é portadora de esclerose lateral amiotrófica, aquela doença do cientista inglês. Ela está em Zurique e acabou de ingerir dez gramas de pentobarbital. Estão com ela seu filho, Olegário; Djin, a auxiliadora no processo de suicídio assistido, uma mulher de cabelos longos e brancos e feições de bruxa; um cinegrafista; um médico; um tocador de harpa.

Djin acaricia a mão de Ilana e lhe dá chocolate. O sujeito dedilha a harpa, que parece a mandíbula de um peixe pré-histórico com ornamentos fúnebres. Ilana diz, linda a música. Djin, a mulher da cabeleira branca e cara de bruxa, sussurra um trecho da melodia e Olegário pensa, porra, quem essa assassina new age pensa que é?, a Guinevere? O cinegrafista faz uma tomada do rosto de Ilana, que começa a roncar. Em vinte minutos o barbitúrico lhe causa parada cardíaca e o médico atesta o óbito.

Ilana é cremada.

O cinegrafista e a velha com cara de bruxa chegam ao hotel. No roteiro do documentário está descrita assim a sequência que devem filmar, cena onze, as cinzas de Ilana são lançadas de um helicóptero sobre o lago Lucerna, fundo musical relaxante, fim. Djin, a bruxa, diz, segurando a mão de Olegário, sua mãe está em paz, me comuniquei com ela ontem à noite. Ele responde, que bom. Pede então que o cinegrafista ligue a câmera e o acompanhe. Os dois vão ao banheiro. Olegário pega a caixa com as cinzas, despeja tudo no vaso e dá descarga.

ESPARGIR

Faz catorze anos que Lauro não tem relações sexuais com Virgínia.

Lauro supôs que com a doença e a debilitação da mulher ela voltaria a ser receptiva aos ardores dele, mas isso não aconteceu.

Virgínia agora está morrendo.

Ela diz, num delírio real ou inventado, que quer ser cremada e que as cinzas sejam espargidas sobre o corpo de Adalberto.

É a primeira vez que ela diz esse nome, Adalberto.

Adalberto fora até então, entre Virgínia e Lauro, uma presença apenas pressentida e jamais nomeada.

O cadáver de Virgínia é examinado por um médico que confirma o óbito. Depois, é posto numa caixa e levado a um forno cuja temperatura chega a mil graus.

Lauro sai do crematório levando as cinzas. Não sabia que a consistência delas era arenosa. Imagina-se enfiando um funil na boca do Adalberto e derramando Virgínia goela adentro dele.

Nenhum ser humano sabe qual foi seu primeiro desejo, mas pode escolher qual será o último, Lauro pensa enquanto dirige. Desejos determinam boa parte de nossas escolhas e condutas. E algumas de nossas reflexões menos superficiais: todo desejo que se realiza revela-se frustrâneo, decepcionante? Podemos renunciar aos desejos, dado que, como disse o poeta, quem deseja mas não age gera a pestilência? (Catorze anos sem ter relações íntimas.) Os últimos desejos são apenas simbólicos, pouco tendo a ver com saciedade ou fruição?

Lauro chega a um endereço e estaciona o carro. Entra numa sala e escolhe uma mulher pesada e arcaica cujo excesso de dentes o faz pensar num bicho pré-histórico.

Vai com ela para o quarto e oferece um acréscimo ao preço combinado. A mulher-dinossauro concorda em fazer o que Lauro pediu, mas tem de ser no boxe, ela não quer sujar a cama com aquela areia esquisita, os homens, aliás, andam cada vez mais esquisitos, querer fazer sexo com a mulher besuntada com cinzas nem é das mais esquisitas, pensando bem.

HOMEM NÃO CHORA

O veterinário injeta pentobarbital sódico.

A sedação que antecede a parada cardíaca se instaura e o dono do cachorro passa a chorar.

Sua namorada, Aimée, o olha com repugnância.

Ela vê que o veterinário notou sua reação e implora, por meio de um discreto ricto facial, que ele a poupe daquilo.

O veterinário ausculta o cão e dá dois tapinhas na nuca enxundiosa e suorenta do dono. Vai à porta, Aimée o segue e os dois saem.

Na sala de espera, Aimée sente-se penetrada por uma atmosfera enfim límpida.

Senta-se num sofá, cruza as pernas e aceita a água que o veterinário oferece. Pergunta, o que vocês fazem com os animais sacrificados?

Incineração, ele responde, tirando as luvas.

Vocês incineram aqui?

Não. A prefeitura vem e recolhe.

O veterinário é alto e forte e o estalo da borracha faz Aimée pensar no snap pizzicato dos violinistas.

Ela sempre quis namorar um músico.

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Eu gostaria de voltar a me olhar no espelho e ver o reflexo de um rosto normal, também gostaria de poder voltar a penetrar uma mulher. Meu filho ganhou na loteria com um amigo e disse, pai, essas coisas são caras, você vai ter que escolher uma ou outra, eu vou ter que dividir o prêmio e não vai sobrar tanto dinheiro assim. Eu sei que ele está mentindo e que vai usar boa parte do que receber para pôr em prática uma escolha que fez para si mesmo. O que posso fazer? Tenho de aceitar a generosidade a que ele está disposto, minha pensão por invalidez é pequena, os bicos que faço só permitem que eu não morra de fome, dependendo da ajuda que ele me dá, colocamos os filhos no mundo e nunca sabemos qual será nossa recompensa. Ele pode ter os defeitos que for, mas ao menos nunca me deu trabalho, nunca se meteu com coisa que não presta, ao contrário do filho do Alcimar, que está cumprindo pena por roubo à mão armada e extorsão. Antes meu filho ser como ele é do que ser um criminoso, sempre penso nisso.

Afinal, o que devo escolher? A prótese nasal ou a prótese peniana? Se escolher uma vou poder andar pela rua sem que as pessoas me olhem com espanto e nojo, se escolher outra vou voltar a poder ter relações sexuais. Meu mundo virou do avesso no dia em que aconteceu o acidente na roda gigante do parquinho, eu levei um choque de seiscentos volts e minhas extremidades e cartilagens sofreram queimaduras de terceiro grau, a coisa foi tão violenta que, juro por Deus, meu espírito saiu do corpo. Antigamente eu achava que esse negócio de espírito era conversa fiada, morreu, acabou, hoje eu boto a maior fé, inclusive passei a frequentar um centro e estou desenvolvendo minha mediunidade. Recuperei-me das lesões, porém meu nariz sofreu um processo de necrose e teve de ser amputado.

Por causa disso tive uma depressão e parei de trabalhar, passava os dias deitado, sem ânimo para tomar banho ou ligar a TV. Dizem que a tristeza e os pensamentos negativos causam doenças, o fato é que em menos de um ano descobri que estava com câncer na próstata, depois da cirurgia o médico disse, é possível que sua capacidade erétil seja afetada, isso ocorre em 70% dos casos.

Como um homem pode viver sem foder? Sempre tive bastante fogo, além da mãe do meu filho, hoje falecida, sempre tive ao menos duas amantes fixas, fora os casos eventuais. Mulher às vezes dá trabalho, às

vezes é difícil entender o que vai pela cabeça delas, às vezes elas enlouquecem a gente, mas existe no mundo coisa mais linda e mais sensacional do que mulher? (Como pode alguém não achar isso? O cara só vira bicha quando é criado por avó ou por mãe sozinha, elas mimam o garoto, fazem todas as vontades dele, eu achava que era assim, gay é problema de criação.) Às vezes consigo esquecer minha impotência, mas sempre me sinto arrasado quando vejo uma mulher bonita na rua, andando daquele jeito que só as mulheres conseguem, uma coisa que parece meio dança e que dá vontade de ir andando atrás, só olhando e apurando o nariz para detectar o perfume que ela vai deixando no caminho.

Foi meu filho quem me falou sobre a operação que restabelece a função erétil, o implante de prótese peniana, um cilindro de silicone que é colocado no interior dos corpos cavernosos do pênis, o qual produz ereções por meio de um sistema hidráulico acionável por meio de um dispositivo implantado na bolsa escrotal. Ao saber que havia ganhado na loteria ele se ofereceu para me pagar a cirurgia, a princípio fiquei empolgado, mas me lembrei de que minha prioridade talvez fosse uma prótese nasal, sim, de que adianta o cara ter um pau que levanta se ele for abordar as mulheres sem nariz? Joguei esse verde, mas ele disse, não dá, pai, vai ter que ser uma coisa ou outra, o dinheiro não dá para as duas. Intimamente pensei, o.k., seu patife, gaste todo o dinheiro consigo mesmo, lembrei-me do dia em que o flagrei se masturbando com uma revista de homens nus, eu dei tanta porrada nele que depois fiquei até com remorso, veado aqui não, eu não vou cuidar de ninguém com aids, tá entendido? Ficamos mais de um ano sem conversar, mesmo morando na mesma casa.

Da mesma forma que acabei de alguma maneira me conformando com a amputação do nariz e com a impotência me conformei com o fato de meu filho ser homossexual, Deus sabe por que faz as pessoas de um jeito e não de outro, a vista grossa está aí para isso mesmo, ontem ele chegou para mim e disse, pai, o Rubens disse que quer te dar uma parte do dinheiro do prêmio dele, assim você faz as duas cirurgias, eu pago uma, ele outra, você aceita? Meu filho nunca havia pronunciado esse nome, Rubens, na minha frente. Pensei na operação de mudança de sexo a que ele vai se submeter, oras, oras, eu tentando salvar minha honra com uma porcaria de um treco de silicone que precisa ser acionado por um botãozinho e essa bicha sem-vergonha vai torrar uma fortuna para que cortem seu pau e seu saco absolutamente saudáveis, hem, você tomou essa decisão apenas para se vingar de mim, não?, se vingar daquela surra

que te dei há muitos e muitos anos, você vai se mutilar para mostrar seu desprezo pelas coisas que para mim têm valor, não é?, a vida é justa?, não, a vida não é justa, nunca é justa, mas que se dane, as coisas são o que podem ser e assim vamos vivendo, respondi a ele, o.k., eu aceito o dinheiro do Rubens, Rubens, enunciei o nome, em tácito reforço à aceitação. Em seguida ele disse, durante minha recuperação ele vai ficar morando aqui para cuidar de mim, tudo bem? Respondi, sim, tudo bem.

REPRODUÇÃO HUMANA

A casa de Sílvio é grande como um dinossauro. André sempre pensa que se habitasse aquele espaço profuso e multiplicador talvez acabasse esbarrando em clones de si, um limpando os dentes num banheiro onde é possível andar de carro, outro engolindo suco numa das oito ou nove cozinhas.

Sílvio deixa um amendoim flutuar na saliva até que a pele se solte, enquanto André olha fotos de sexo em que as cabeças foram cortadas para que o casal permanecesse anônimo. Segundo Sílvio, o homem na foto é seu pai e a mulher não é sua mãe.

Ele me deu isso antes de morrer, Sílvio diz. Disse que era para eu aprender a fazer as coisas do modo certo.

Aos seis anos André foi castigado porque depositou uma moeda no violino do pai. Isso o fez decidir que quando fosse grande e tivesse dinheiro iria comprar um violino e arrebenhá-lo a socos.

André termina de ver as fotos e pergunta, aquilo que você me contou uma vez do seu pai, era verdade mesmo?

Não sei.

Os dois descem à adega e caminham até a parede em que os vinhos estão dispostos. Parte dos compartimentos, retangulares, foram lacrados com cimento. Sílvio vai a uma estante, pega um martelo e lança um golpe numa das estruturas cimentadas. Desloca as partes fendidas com a mão, pensando talvez em recompô-las.

Tira do compartimento uma caixa branca e a leva à mesa. Dentro da caixa há o esqueleto de um feto, com dez centímetros.

Isso é de gente?, André pergunta.

É.

Caramba. Por que será que seu pai fez isso?

Não sei. Acho que ele começou a sentir pena. Ou remorso. Sei lá, deve dar remorso fazer abortos.

Sílvio, fascinado com aquele processo de microexumação, diz, vamos abrir o resto?, mas André diz que é melhor não. Sílvio, após hesitar, concorda, é, melhor.

ISOPOR

O porteiro avisou que tinha uma caixa para mim, de isopor, lacrada. Desci e vi a caixa, meu nome escrito com caligrafia de mulher. Levei-a para o apartamento e a pus no congelador, sem abri-la.

À noite não consegui dormir, fiquei pensando se os piores pesadelos são os que temos acordados.

Como não desconfiei dessa mulher?, a cujo rosto dei o nome de esplendor na relva e cujo cérebro acabei chamando de Calígula? Deus uma vez me disse que não podemos confiar em ninguém, é tudo um bando de salafrário, Carlos, homem, mulher, até criança. Ele ganhou esse apelido, Deus, quando uma fulana disse que estava grávida dele, que é?, tá pensando que eu sou Deus, que faz filho em virgem sem penetração?, nós transamos de camisinha o tempo todo e ainda por cima gozei fora, pode procurar outro da lista.

Resolvi ligar para o André.

Cara, sua voz está trêmula, por acaso tem um cadáver aí contigo?

É, talvez, mais ou menos isso, respondi.

Não brinca, brou.

Não estou brincando.

Alguma daquelas atrizinhas que você come resolveu cafungar na sua casa e, catapumba, teve um treco?

Claro que não. Você sabe que não saio com drogadas.

O.k., qual a encrenca então?

Vem até aqui, aí eu te explico.

Agora não dá, o consultório está cheio, minha última paciente é às dezoito. Dá pra ser à noitinha?

Dá.

Então beleza. Aguenta firme aí. E não faz bobagem.

Passei o dia ouvindo a quinta sinfonia de Mahler. Quando era mais jovem ouvia Debussy e Ravel, depois tive a fase dos minimalistas

americanos, Terry Riley, Charlemagne Palestine, Steve Reich. Gustav Mahler talvez exija uma assimilação madura da ideia de declínio.

André chegou e falei sobre minha suspeita, pedi que ele fosse até o freezer e espiasse o que tinha dentro da caixa de isopor. Ouvi o barulho da fita crepe se descolando, ele voltou com a caixa aberta e disse, brou, não tem nada aqui.

Nada?

Nada. O que você achou que tivesse?

Cara, putz, que alívio.

Sério, você realmente achou que tivesse um feto abortado aí?

É, achei. A vaca disse que ia me fazer uma surpresa.

Brou, com que tipo de mulher você vem andando, hem? Aliás, ninguém sai da clínica levando o feto, isso é impossível.

Hum. E vocês fazem o quê?

Como assim?

O que vocês fazem com os fetos abortados?

Dissolvemos com ácido. Os maiores a gente precisa dar uma esquartejadinha, mas no final a coisa é no ácido mesmo. Sério, eu vou te apresentar umas garotas legais, você precisa parar com essa mania de mulher idiossincrática, mulher que é fã de cinema europeu, mulher com dez mil horas de divã. Isso dá merda, sempre.

Abri uma cerveja e conversamos um pouco. Falamos sobre um músico famoso que virou morador de rua e sobre a dificuldade de achar em São Paulo lugar para tirar foto três por quatro.

André disse que precisava ir embora, então eu pedi que ele levasse a caixa de isopor com ele e a jogasse num lixo qualquer.

LISTA DE CASAMENTO

A vendedora que me atendeu na sapataria estava com mau-hálito, Raquel diz. Pensei em avisar a gerente, mas acabei achando melhor não me meter.

Fez bem, respondo. Isso só ia humilhar a garota.

Estamos num restaurante de comida japonesa. Vejo que o Patrick publicou na rede social a foto de uma loira com o comentário, eu enfiaria tão fundo meu pinto nessa bunda que quem conseguisse tirar ia ser chamado de rei Arthur.

Preciso ir com a Raquel à loja onde está parte da nossa lista de casamento. Nosso casamento será em fevereiro. Passaremos a lua-de-mel no Taiti.

Raquel disse que uma colega dela na produtora ganhou de casamento uma caixa de Lego com um cartão que dizia que as pessoas que se amam são como diferentes peças que se encaixam para formar algo novo.

Raquel disse que achou superfofo isso.

Sáímos do restaurante e vamos à loja. A gerente diz que há um item duplicado na lista, uma faca de cerâmica de catorze centímetros. Raquel decide trocar por uma faca de trinchar, com lâmina de aço de vinte e um centímetros.

Eu gostaria de não ter faca nenhuma em casa, ou qualquer instrumento perfurocortante capaz de mutilar, matar, esquartejar, mas não tenho como confessar isso a Raquel.

ASTROLOGIA

Sou astrólogo e ganho muito dinheiro lendo mapas astrais.

Meus amigos debocham, ei Miroslav, câncer é signo ou doença?, eu nunca respondo, azar o deles com seus empregos ruins e suas mulheres velhas e enxundiosas.

Um violinista se torna famoso por não errar notas, um piloto vence o campeonato por não bater nas curvas, se algum desses amigos fracassados me perguntasse qual o segredo do meu sucesso eu diria que falo coisas a meus clientes com a precisão de um atirador de facas.

Eu vou amar de novo?, uma cliente me pergunta. Ela é feia, velha, obesa, respondo que infelizmente sua vida erótica terminou.

Ela vai embora chorando e esquece o celular.

Vinte minutos depois reaparece, toca a campainha e destravo a porta.

Fico de pé, o telefone na mão.

A mulher entra, se joga sobre mim e dilacera minha garganta com um estilete.

Vejo-a sair, caído, engasgado com sangue, sentindo dificuldade de respirar.

A fêmea ultrajada se torna feroz, eu penso no meu erro, na minha imprecisão fatal, enquanto agonizo.

PERSEVERANÇA

Raquel quer casar, no laboratório só ela continua solteira.

É tautológico, redundante, pleonástico, repetitivo, a mulher deseja o casamento e o homem não. Mas o momento não é bom para que Raquel pressione, Aloísio está desempregado, o nervosismo o deixa com dispneia e prisão de ventre, foi um sufoco para ele fazer a coleta de fezes do exame demissional.

Raquel olha a caixa amarela, resíduo infectante A4, e pensa no que o médium falou, as partes anseiam pelo todo e para que o matrimônio aconteça, carne da minha carne, sangue do meu sangue, será necessário que Raquel misture suas fezes às de Aloísio.

Merda da minha merda? Talvez seja um sinal cósmico ele ter precisado fazer esses exames, e justo no laboratório de Raquel. Não haveria outro modo de se apossar da matéria fecal do namorado, Aloísio é um homem pudico e tem mania de higiene, diferente do Cléber, o namorado anterior dela, que sempre se esquecia de puxar a descarga.

A campanha soa e, ao contrário do que diz o teatro do absurdo, quando isso acontece significa necessariamente que tem alguém tocando. Raquel olha pelo visor e vê Dirce, sua futura cunhada.

Dirce conta que Aloísio está em pânico, os exames médicos chegaram pelo correio e a chapa de pulmão indicou nódulos, você trabalha no laboratório e não viu isso?

Raquel diz que abreugrafia não é o setor dela.

Dirce pede água, toma um comprimido e vai embora.

Dispneia ou falta de ar, Aloísio anda muito nervoso, a ansiedade faz isso e Raquel, que é uma mulher madura, não irá pressioná-lo ainda mais com conversa de casamento.

Raquel pega a caixa amarela, vai ao banheiro e faz o que o médium prescreveu.

O excremento, paixão primeva do homem, é mesmo um poderoso símbolo vital. E a maturidade ensina que há muitos modos de ser insistente.

TROCA DE PRESENTES

Estamos na sala do meu apartamento, deitados no sofá. Há apenas uma lâmpada dicróica acesa. Sobre um móvel, um aquário sem água, dentro do qual está uma nota de dinheiro emitida pelo governo japonês durante a ocupação da Malásia, na Segunda Guerra. Foi ela quem me deu esses dois objetos. Nunca me interessei por numismática ou piscicultura, um dia eu disse a ela, para o amor durar o homem e a mulher têm de se tornar cada vez mais estranhos um para o outro.

Interessante, ela disse. Fale mais sobre isso.

Minha mulher sabe tudo sobre mim, eu sei tudo sobre ela, foi por isso que eu deixei de amá-la.

Decidimos que nos encontraríamos a cada quinze dias e que a cada encontro trocaríamos presentes, presentes estranhos que atestassem a continuidade de nosso desconhecimento mútuo. Nesse intervalo de duas semanas, nada de telefonemas ou e-mails. Nunca vi o perfil dela na rede social, pedi que ela fizesse o mesmo, nada sei sobre Mônica além de seu nome, sei também que ela trabalha na região da Paulista, um dia eu estava de bicicleta na ciclofaixa e a vi esperando para atravessar com dois sujeitos engravatados, deduzi que ela deve ser advogada, hoje só escritórios de advocacia exigem traje social completo.

Mônica se levanta do sofá, alonga as costas e pergunta, não vai abrir seu presente?

Não sei. Estou pensando em guardá-lo sem abrir. Que tal?

Você é quem sabe.

Apalpo o embrulho e o imagino fechado por três décadas. Daqui a trinta anos vou ter sessenta e seis. Mônica terá mais ou menos isso. Como seremos?

Ela vai ao banheiro, se veste e chama o táxi. Desço com ela e esperamos na calçada o carro chegar. Damos um beijo.

Volto ao apartamento. Fico deitado, olhando para a parede. Noto que a tinta tem uma superfície rugosa e tento brincar de teste Rorschach, ror-shark, sem sucesso. Preciso voltar para casa. Ponho o embrulho fechado no aquário, vou ao banheiro e lavo o rosto. Começa a chover, uma chuva forte, daquelas que fazem semáforo quebrar e árvore cair. Deus,

Deus, quinze dias é muito tempo sem ver a Mônica. Volto à sala e rasgo o embrulho.

ZUMBI

Escolher, abordar, copular, dentre esses atos sequenciais, pagar é o mais significativo para Walter.

A epifania que sente com o diálogo violador, quanto?, e o gesto obsceno de estender cédulas é uma das coisas que o mantém fiel à rotina de sair com prostitutas.

Walter, cujo holerite vem com um desconto de vinte e dois por cento a título de pensão alimentícia, sempre ri da expressão. Roga que a ex-mulher estoure mesmo de tanto comer.

Sabe também que namoradas podem ser perigosas. Um amigo foi acionado por uma delas, que alegou ao juiz coabitação e união estável.

Nas prostitutas, Walter aprecia, além dos acordos financeiros justos (mesmo que encenados de modo ultrajante), o sortimento de biótipos, coisa de que os romanos já sabiam, *varietas delectat*, a variedade apraz. A garota com quem acaba de entrar no motel, Lídia, é magra, alta, tem a boceta depilada, faz oral sem preservativo e cobra quinhentos por um período de uma hora e meia.

Lídia estava na Espanha lavando privadas quando a ideia de fazer sexo por dinheiro lhe surgiu e pareceu natural. Ela nunca estudaria medicina, por ter horror a cadáveres, mas nunca teve problema com pessoas vivas e suas emissões de saliva, esperma e suor.

Mesmo o caso de um antepassado que contraiu hanseníase num bordel, história daquelas de horror que toda família tem e que determina muitos de seus tabus – como o veto, por duas gerações, do termo lazarento entre os familiares de Lídia –, mesmo aquela história macabra de um tio-avô apodrecendo vivo, seus objetos pessoais sendo queimados e enterrados após o óbito, mesmo isso não a fez pôr sob suspeita aquela súbita vocação.

Walter e Lídia tiram a roupa, se deitam e têm um intercuro genital cuja duração é de dezoito minutos. Ele vai para o chuveiro, lava com cuidado a região pubiana e tira a camisinha. Observa o esperma antes de despejá-lo, desliga a água e se seca. Lídia se levanta para pegar as roupas, escorrega num trecho do chão molhado e torce o tornozelo.

Levar a garota, que não está conseguindo se apoiar no pé, a um posto do SUS é a primeira coisa que ocorre a Walter, mas ele pensa na

precariedade e na demora do serviço e decide ir a uma clínica particular. Lídia liga para seu cafetão para explicar o atraso, faz raio-x e tem a perna imobilizada. O rufião, cujo apelido tem origem no fato de ele ser negro e epilético e suas crises serem prenunciadas por um zumbido no ouvido e por um gestual autômato semelhante ao de um morto-vivo, aparece e diz a Walter, vamos conversar lá fora.

Zumbi encaixa o cigarro numa piteira, o acende e diz, é próprio do macho querer subjugar a fêmea. Sim ou não?

Walter pergunta o que ele quer dizer com isso.

Ocorrência número um, diz Zumbi, cliente sai com prestadora de serviços sexuais. Enquanto ela o chupa, ele decide urinar em sua cavidade bucal. Ela conta a ocorrência aqui para o José Carlos, ex-terceiro sargento do batalhão de infantaria leve de Lins, Lins, não o acróstico éle, i, ene, ésse, lugar ignorado e não sabido, no jargão dos causídicos, nada devo à lei, sou pobre, mas tive instrução. José Carlos, em face do ultraje sofrido pela prestadora de serviços sexuais, faz uma consulta mediúnica com o espírito da Simone de Bovuá, que o instrui como proceder. Ele convoca dois camaradas, que levam o cliente para dar uma volta. Descem com ele até a margem do rio Pinheiros, enchem um balde com aquela água marrom e o cliente tem sua sede, glub, saciada.

Você está me chantageando?

Tsc, tsc. O mundo é mesmo um lugar injusto, não? A mulher, humilhada, explorada e espancada durante toda a história, é o crioulo do mundo, assim falou o beatle, e o mundo deve ser o crioulo da via-láctea, e a via-láctea deve ser o crioulo do universo. Que horas são, burguês?

Walter sente que seu Tissot está fazendo volume debaixo da manga e diz, se sua garota disse que eu bati nela, ela está mentindo.

Bom, vocês podem tentar resolver a contenda em juízo, mas não acho aconselhável. Como disse Franz Kafka, o tcheco, um processo é um processo é um processo. E os magistrados de hoje são admiradores do manifesto scum da Valerie Solanas, aquela lá que meteu chumbo no Warhol, o branquelo capitalista opressor. Mil pratas, e você nunca mais vai ouvir falar no José Carlos aqui.

Você está de brincadeira, Walter ri.

Estou não, burguês. Mil pratas, o que vale seu relóginho.

Walter imagina que a família da garota é uma constelação de infâmias composta por mãe e padrasto que gostam de exhibir às visitas um papagaio que sabe dizer palavras chulas.

Walter faz uma contraproposta, que Zumbi diz ser razoável.

Vão até o carro, no qual Lúdia e Zumbi entram e se acomodam no banco traseiro. Walter os observa com o rosto colado no vidro. Zumbi introduz o Tissot no ânus de Lúdia e usa a boca para puxá-lo.

Walter ri.

Zumbi dá a partida, Lúdia abre a janela e xinga Walter de veado lazarento. Walter continua rindo até que se cansa, então para de rir.

PACTO

Estou deitado no chão da sala, com a cabeça apoiada nos pedais do piano.

Ainda não me vesti.

Quando está calor costumo ficar sem roupa até que todos os resíduos do banho se evaporem. Às vezes uso ventilador para me secar mais rápido.

Estico o braço e bato numa tecla e tento adivinhar que nota soou. A vibração ressoa por minha cabeça e penso na palavra oportunidade.

Hoje é sexta-feira, sexta-feira não costuma ser um dia bom para festas, mas hoje tenho uma festa para ir e talvez eu tenha de fato algum interesse em comparecer a essa festa em particular.

Festas são oportunidades.

Gravo minha voz e ouço: festas são campos de concentração de oportunidades, festas são campos de extermínio da solidão.

Levanto-me sem usar os braços e atravesso o corredor já decidido sobre a roupa que vou pôr.

O táxi me leva a Perdizes.

Passo em frente ao prédio que foi construído no terreno da minha casa.

Gosto de demolições, creio que a observação reiterada das coisas é o modo mais certo de corrompê-las, portanto as demolições são aliadas da integridade da nossa memória.

(Talvez eu também goste de demolições por ter nascido numa família de empreiteiros, engenheiros civis, etc.)

Chego ao endereço, uma hostess procura meu nome na lista, depois desço por uma escada que termina num gramado onde há jazz, piscina, garçons, archotes, mulheres, quase todas bonitas e enfeitadas como caixas de presente. Observo uma delas, que bebe vinho espremendo a taça pela haste.

Mas sou abordado por outra, que tem dedos longos e cruéis e que me pergunta, você não é da televisão?

Há mais de dez anos fiz um papel secundário numa novela, mas ainda hoje sou reconhecido por ele.

A TV é um campo de concentração de oportunidades, talvez o maior de todos. E também é, claro, um campo de extermínios.

De qualquer forma, essa imagem pública que ainda é minha fiadora me ajuda a levar para casa mulheres que acabei de conhecer.

Faço sexo com Mariliz, dedos virtuosísticos de Paganini, o pactário, iluminando-a com uma lanterna acoplada a um capacete de obra.

Terminamos, então ela pega a lanterna e brinca de projetar fachos de luz no teto e me diz, tenta adivinhar o que estou escrevendo.

Digo que ela está escrevendo, *muss es sein?*, é preciso?, a enigmática pergunta que Beethoven escreveu na partitura de sua última composição.

Digo que ela está escrevendo, *tempus fugit*, o tempo foge.

Digo que ela está escrevendo, se a plenitude do tempo é eternamente presente o tempo como um todo é irredimível.

Você é doidinho, sabia?, Mariliz me diz, rindo.

Saio à varanda tomando uma lata de Coca Zero e reflito sobre essa cobertura onde moro, nesse prédio construído por meu avô há mais de meio século e batizado com o nome de uma de suas amantes.

Penso em concreto, ferro, vergalhões, coisas estáveis e duráveis.

Meu avô se matou aos cinquenta e dois anos ao se descobrir com um câncer que dizem ter sido causado por uma inflamação renal crônica decorrente de contaminações e recontaminações com gonococos.

Meu pai tem setenta e três e costuma publicar na rede social selfies dele correndo no parque, doze quilômetros, etc. Ele é casado com uma mulher mais jovem do que eu. Ela converteu meu pai ao veganismo.

Eu tenho quarenta e quatro e ainda não sei que pacto eu fiz com o tempo e suas durações.

SIMETRIA, EQUILÍBRIO, PROPORÇÃO

Eu disse à minha mulher, preciso descer hoje, o Jair disse que deu um problema na boia da caixa d'água, amanhã vai ser impossível arranjar encanador, ninguém quer saber de trabalhar 31 de dezembro.

Eu sabia que ela ia ter plantão no hospital e que não poderia viajar comigo um dia antes. Todo ano passamos o réveillon em nossa casa de praia.

Carreguei a bagagem, passei na casa da Marisa, minha instrutora de pilates, e fui com ela ao motel.

Estou apaixonado pela Marisa. Quando fico apaixonado minhas orelhas parecem arder o tempo todo.

Marisa se parece com uma atriz italiana cujo nome escapa agora. (A beleza é sempre inefável, apesar da proliferação de palavras que tentam defini-la, simetria, equilíbrio, proporção, etc.) Uma vez vi um gato morrer, sua agonia me pareceu ter um evidente caráter voluptuoso, ecce Marisa no cio.

Nosso período terminou meia-noite. Pretendia deixar Marisa em casa, passar numa lanchonete e depois pegar a Imigrantes, mas quando fui pagar o motel meu cartão de banco foi recusado. A tarja magnética desses cartões se desgasta e começa a falhar, não é a primeira vez que isso me acontece, uma vez passei vexame num restaurante por causa disso.

Marisa não havia levado consigo nada além da carteira de identidade.

O gerente disse, a moça fica aqui esperando enquanto você vai resolver esse problema.

Pensei em alguns amigos a quem eu poderia ligar, mas todos estavam fora de São Paulo. Meu irmão e eu estávamos brigados. Eu teria mesmo de ir até em casa pegar dinheiro.

Sônia iria entrar em plantão às seis da manhã. Certamente ela já estava dormindo, seu sono é mais pesado que uma pilha de halteres, mas mesmo assim eu precisava ser cauteloso.

Entrei em casa na ponta dos pés. Silêncio. Fui até a gaveta da sala em que sempre guardamos algum dinheiro. Vi uma carteira em cima da

mesa, documentos, um nome próprio masculino, andei até o quarto, ouvi aqueles ruídos todos, meu coração disparou.

Saí do apartamento e me sentei na escada de incêndio para tentar me acalmar. Fiquei lá, sentado, por um longo tempo.

DEUS

Flamarion é alérgico a penicilina e costuma perguntar às mulheres se elas acreditam em Deus.

As respostas o decepcionam sempre, o que o faz concentrar todo seu interesse na reação facial que elas têm ante o inesperado.

Abordada agora no cruzamento da Bela Cintra com Fernando de Albuquerque, a garota de programa desliga o cigarro, diz a Flamarion que acredita, sim, em Deus, e ri.

Fazer alguém rir é um bom modo de se avaliar os dentes, ele pensa, apalpando a seringa que traz no bolso do sobretudo.

A garota, que tem boa dentição e que se chama Érica, lhe explica como o cigarro eletrônico funciona. Seu português é correto e a dicção, muito boa.

Preço e tempo combinados, os dois entram no hotel.

A recepcionista observa a nota que Flamarion lhe estende, buscando algum indício de falsificação, e dá em troca uma chave.

O quarto fica no final de um corredor e, fora um inexplicável aquário vazio sobre um carrinho de chá, parece estar em ordem.

Enquanto olha a garota se despir, Flamarion medita sobre o prazer e seu esquema ternário de sempre, tensão, descarga, relaxamento.

Pensa também sobre o destino.

Escolheu essa garota, Érica, porque ela usa óculos? Porque tem cabelo liso e unhas longas? Ou porque ela, com esse jeito de professora de jardim da infância, não parece ser o que é?

É inútil tentar entender por que certas coisas dão uma sensação voluptuosa.

Flamarion vai ao banheiro e pega a seringa.

A dose de penicilina terá de ser minúscula, só o suficiente para provocar uma reação alérgica moderada. Então ele sentirá aquela coceira pelo corpo, coceira a que as unhas de Érica, tensão-descarga-relaxamento, trarão alívio.

Érica.

Algum dia Flamarion ainda espera conhecer a mulher que lhe esclarecerá, de uma vez por todas, se Deus existe ou não.

DACTILOPROCTISMO

Ao dotar o homem de instinto de procriação, teria Deus atribuído a nós zonas erógenas que não apenas as genitais como um lembrete de que os desejos da carne sempre serão inimigos do espírito? Que à criatura humana bastará afrouxar um pouco a vigilância para que ela se torne adepta de práticas pervertidas? Que estamos fatalmente destinados à concupiscência e à perdição?

Não sou religioso, especulações desse tipo não me ocorreriam normalmente, sempre achei todos os atos sexuais moralmente neutros, desde que ocorridos entre adultos e por livre consentimento de ambos, é claro. Também não gosto da sexologia, que é quase tão normativa e dogmática quanto as religiões tradicionais.

Minha namorada me perguntou se eu não tinha curiosidade de experimentar fio-terra. Respondi que não. Acha que é coisa de gay?, ela insistiu. Não sei, respondi. Talvez, talvez ache. Juliana então me disse que eu era preconceituoso, metido a machão, o homem mais másculo com quem me relacionei adorava que eu enfiasse o dedo no cu dele, e de veado ele não tinha nada, acho que você tem é medo de gostar e de achar que isso vai te deixar inseguro a respeito de sua própria virilidade.

Passei a meditar sobre a questão, por que o dactiloproctismo me parecia um assunto incômodo. Não era por talvez ser pecado, já que não sou religioso. Sobre o prazer anal ser ou não um indício de homossexualidade, minha opinião é ambivalente. Todo gay tem prazer e se define como tal enquanto praticante da sodomia, embora existam homens heterossexuais que gostam de ser penetrados por suas parceiras, homens que não admitiriam um contato desse tipo com alguém do mesmo sexo.

Eu faço anualmente exame de próstata, nunca senti qualquer tipo de excitação erótica na região, acho que isso explica o tédio que no fundo esse assunto me suscita. Há mulheres que gostam que ejaculem em sua boca, assim como há as que sentem vontade de vomitar quando isso ocorre. Seria essa rejeição instintiva ao esperma um indício de lesbianismo? Jamais insinuei isso à Juliana, você não gosta que eu goze em sua boca porque o fato de você ter nojo do esperma no fundo te deixa insegura a respeito de sua heterossexualidade. Não acho que Juliana tenha qualquer coisa de lésbica. Ela não gostar do gosto de esperma provavelmente não passa disso, de uma questão de gosto.

Costumamos gravar as conversas que temos na cama, Juliana diz que gosta de ouvir as coisas que ela mesma diz quando conversa comigo, eu descubro o que realmente penso das coisas só quando conversamos, ela diz. Nosso diálogo é realmente bom, no mínimo sempre é divertido, Sérgio, eu ainda vou te convencer/ ah, Ju, me poupe/ não, eu realmente gostaria de saber, por que tanta resistência sua?/ bom, no mínimo, no mínimo eu me sentiria ridículo dizendo, Ju, pega o KY, eu quero que você enfie o dedo no meu cu, na verdade para mim nossos papos são a melhor parte de nossa relação, Juliana ter grilo com sexo oral é só um dos problemas que temos, sexualmente falando, ela também tem problemas para atingir o orgasmo, por causa disso tudo comecei a sair com outra mulher, eu não queria que isso acontecesse, nunca gostei de trair namoradas, mas a coisa acabou sendo inevitável.

Quando Juliana finalmente descobriu meu outro envolvimento, tivemos uma longa conversa e decidimos que era melhor terminarmos. Ficou subentendido que seríamos os amigos que no fundo sempre fomos, agora sem o estorvo de termos de fingir que tínhamos afinidade sexual. Poucos dias depois, porém, Juliana isolou a parte de nossas gravações em que eu disse, Ju, pega o KY, eu quero que você enfie o dedo no meu cu, colocou no YouTube com o título Serginho, o Veadinho e divulgou para todos os meus contatos na rede social.

SOBERANIA

Petrúcio observa tia Solange esfregar um menino cuja cueca está no chão, suja de fezes. Pela regra da escola, garotos incontinentes são lavados com a porta do banheiro aberta e forçados a vestir calcinha. O menino, passivo, não demonstra sentir a humilhação e o terror que Petrúcio experimenta ao vê-lo.

Expulso da sala por ter dito um palavrão, Petrúcio agora tem de falar com a diretora. A punição para alunos bocas-suvas é essa, ter a boca tampada com durex e ouvir os berros da tia Catarina.

Outro dia Danilo lhe disse que Catarina é lésbica. Petrúcio perguntou o que era isso, lésbica. Danilo explicou, é mulher que gosta de lambar xoxota. Petrúcio achou o ato inimaginável e cogitou que lésbica devia significar outra coisa.

A diretora o recebe e grita que menino só serve mesmo para encher o saco e pergunta se Petrúcio não gostaria de ter nascido menina. (Ela costuma intercalar berros e expressões como gracinha, amoreco, meu xodó, ao achacar os alunos.) Petrúcio responde que não, que não gostaria de ter nascido menina. Catarina o deixa trancado na sala, com a luz apagada, e diz, não se mexa até eu voltar.

Petrúcio tenta se distrair contando até cem. Descobre que numa das paredes há uma rachadura e cogita que lésbica talvez signifique isso, mulheres que berram tão alto que até racham paredes.

Começa a sentir necessidade de urinar.

Vê sobre a mesa um maço de cigarros e um pacote de absorventes. Ele sabe para que servem, sua mãe explicou. A urgência de usar o banheiro deixa seu pênis ereto.

Tira um absorvente do pacote de Catarina e descarrega sobre ele e, sem que saiba explicar por que, sente-se um ser soberano, absoluto, majestático.

PATERNIDADE

Eu deceparia um dedo por ela.

A mulher bonita, rara como um milagre, sempre deixa Olavo propenso a fantasias autossacrificiais.

Maurícia a princípio não gosta dele, diz para si que ele é velho e sua pele, oleosa. Gasta catorze dias até achar uma justificativa para ceder à sedução.

A felicidade é coisa desse mundo, pensa Olavo. Marca hora no dermatologista e no ortodontista, faz aparelho, reforma o apartamento e diz à Maurícia, vem morar comigo.

Lucas, seu filho, pergunta se ele tem certeza sobre essa pessoa que ele vai pôr dentro de casa.

Olavo diz, não se meta na minha vida que eu não me meto na sua.

Quando tinha onze anos Lucas grudou um chiclete na cueca do pai. Olavo estava no banho, se aprontando para ir ver a amante.

O chiclete o obrigou a raspar os pelos da bolsa escrotal.

Conviver com Olavo reforça a má-impressão inicial que Maurícia teve dele, um homem categórico e hostil que trata com escárnio a vocação do filho, aquela bicha inútil que nunca quis saber de trabalho.

Maurícia, solidária, tenta demonstrar simpatia pelo rapaz, pede que ele faça uma leitura de tarô e termina com ele na cama.

É melhor você ir embora, diz Lucas, após três semanas de contatos sexuais escusos. O que você fez não está certo, trair meu pai debaixo do teto dele.

Sentindo repugnância dos dois, Maurícia deixa o apartamento e manda a Olavo uma foto que tirou enquanto fazia sexo com Lucas. Espera que, dado o ódio que há entre eles, pai e filho se trucidem.

Olavo chega da rua, pensando na imagem que recebeu. Caminha até o quarto do filho e bate na porta.

Lucas permanece deitado, imóvel, com um travesseiro cobrindo o rosto.

Olavo vai até a sala. Despeja no copo uma dose de uísque e se senta no sofá. Liga a TV, que noticia um protesto de pederastas na Rússia reprimido pela polícia.

Pega o telefone e fica olhando para a foto do filho, aliviado e orgulhoso.

MATERNIDADE

Um colega do clube de arco e flecha diz a Fúlvio, vou te apresentar minha filha.

Alguém tão flácido e desproporcional terá conseguido gerar prole atraente? A namorada americana de Fúlvio tinha pais gordos, Fúlvio e seu irmão gêmeo só têm a voz parecida, gestante olha quarenta semanas para foto de ator e o bebê nasce com os traços dele.

O sujeito mostra um retrato da filha, no qual ela segura um desses cães exoftálmicos que estão na moda.

Desde que voltou ao Brasil Fúlvio vem saindo com mulheres que lhe mandam fotos, nudez e closes genitais. No começo guardava tudo, chegou a ter quinhentas imagens, então as deletou, o cúmulo, o excesso, o fastio pletórico. Tê-las agora, porém, seria interessante, Fúlvio poderia se certificar se já viu ou não a filha do sujeito exibindo a boceta e o cu.

Fúlvio começa a namorá-la, então é seduzido pela mãe dela, com quem vai para a cama.

Qual a coisa mais imprópria que você já fez?, a mãe da namorada pergunta, depois de sugar um cigarro e tentar encher uma bola de chiclete com fumaça.

Fúlvio fala de sua primeira relação sexual, o pai dizendo à amante, você está grávida e não tem como engravidar de novo agora, aproveita e tira a virgindade do meu filho.

A mulher diz, puxa, pensando decepcionada que sua vida é mesmo ínfima, que sempre haverá uma protéria, um despudor que está além do que ela é capaz.

O HOMEM COM VARIZES NA CABEÇA

Sérgio está na cama, abraçado a um ventilador.

Sente o suor brotar na testa e aposta que ele escorrerá para a têmpora esquerda. Se assim for, não vai morrer ali, naquela cidade. Uma cidade com disputas territoriais, presença ostensiva de armas de fogo e clima desértico. Assim é Jerusalém, a una e indivisa capital israelense.

Desliga o ventilador, se levanta e vai ao banheiro secar o rosto e a cabeça calva. O suor lhe deu um prognóstico favorável, no qual tenta se fiar. Ainda não sabe se terá de lutar (neutralização, por meios diretos, da capacidade ofensiva do agressor), ou fugir (tornar-se inacessível a ele).

Desce e vai à recepção fazer o *check out*.

O dólar era lastreado em ouro quando Ezequiel, El Judío Cholo, nasceu. A conversibilidade era de quarenta e dois dólares para um onça troy.

Foi no ano de seu nascimento, 1971, que esse padrão foi extinto, o que tornou a moeda americana fiduciária.

Ezequiel gosta dessa palavra, fidúcia.

Sempre que vê um dicionário vai ler suas definições: confiança, atrevimento, vaidade. Imposto sobre propriedade a ser transferido ao herdeiro. Do latim *fiducia*.

O brasileiro, que Ezequiel averiguou se chamar Sérgio, está num hotel no distrito Armon Hanaziv. É um homem careca, com intensa vascularização na parte exterior do crânio, o que dá a bizarra impressão de serem varizes.

Ezequiel fuma um Marlboro e analisa as possíveis estratégias de evasão do varizes. Talvez ele achesse para Jabal Bukaber e vá para a Jordânia. Ou fique em Jerusalém mesmo e tente sair pelo aeroporto.

Ezequiel acredita que o estudo intensivo que fez da partitura de A Arte da Fuga quando jovem dotou-o de uma peculiar capacidade para antecipar os passos de um, abre colchete, fugitivo, fecha colchete.

Como aquele que se fez passar por morto e tentou atravessar a divisa dentro de um caixão.

Ele, Ezequiel, El Judío Cholo, o enterrou vivo, como castigo, punição, cautério.

Quentinhas Restaurante, diz o cartaz com tradução para árabe e hebraico. Sérgio se pergunta como será quentinhas nesses idiomas.

Caminha por vinte minutos e se convence de que está sendo seguido.

Viu ontem o mesmo sujeito parado em frente ao hotel, fingindo ser um desses judeus ortodoxos que ficam no semáforo vendendo mezuzahs. O sujeito estava com um cigarro prensado entre os dentes e, com aquele chapéu de feltro, mais parecia um ator de bague-bague.

Apesar de o tabagismo ser comum entre os religiosos, Sérgio notou que aquilo era um recado dirigido a ele.

A cobra está fumando, pracinha.

Sérgio decide seguir sem olhar para trás, fiando-se no fato de que está num lugar público.

Vai andando pela Ben Yehuda Street, observando os prédios feitos de mizzi, aquela pedra cor de areia obrigatória para as construções locais.

A rua não tem sombras, o sol incide em ângulo reto.

Dizem que as pessoas enlouquecem em Jerusalém, chegam e passam a dizer que são profetas bíblicos redivivos. Insolação, talvez.

Dois homens discutem em frente a um McDonald's numa língua cheia de consoantes oclusivas. Um violinista de rua toca *Swing Minor*, do Django Reinhardt. Em seu chapéu há um punhado de shekels, quase tudo em moedas de cinco.

Shekel é um nome originário de uma antiga unidade de peso correspondente a atuais 11,4 gramas. O chapeleiro chapou no chapéu chaparral.

Sérgio gostaria de voltar os olhos para o perseguidor e tentar inferir a relação entre rosto e caráter.

Sua curiosidade por fisionomias vem do tempo em que fez Direito e conheceu o Lombroso, o criminologista italiano do século dezenove que afirmava que os delinquentes costumam ter orelhas de abano e testa curta.

Um grupo de soldados passa, todos carregando fuzis de assalto Tavor, calibre 5,56.

Ezequiel sabe que o brasileiro com varizes na cabeça vai acabar incorrendo no erro que todo perseguido comete – não suportando mais a pressão e o desconforto de ser vigiado, resolve tentar escapar para algum lugar ermo.

Ou seja, desguarnecido.

Com a mãe judia nova-iorquina Ezequiel aprendeu os segredos do contraponto e das fugas de J. S. Bach.

Com o pai hondurenho foi uma vez vender o carro da família, um Ford Pinto modelo 1974. O dono da loja o avaliou e fez uma oferta. O pai de Ezequiel achou pouco. O dono disse, carro de cholo perde valor, vocês têm um cheiro ruim que fica impregnado nos bancos, pra vender é difícil.

Dois dias depois o corpo de John Wayne Babbit, proprietário da loja John Wayne Used Cars, foi encontrado no deserto de Trans-Pecos, Texas, dentro de um Pinto incinerado.

Olhar alguém através de uma mira telescópica é uma espécie de voyeurismo, Recruta Zero pensa enquanto acompanha, de uma janela num quarto andar, a movimentação do sujeito na Ben Yehuda. Talvez o fato de já ter usado várias vezes a mira desacoplada do rifle para observar mulheres em seus apartamentos o tenha condicionado a experimentar essa sensação de observação furtiva, violadora. A melhor das cenas que testemunhou foi a de um casal em que o homem fazia bolhas de sabão e a mulher tentava estourá-las com os seios. Zero chegou a pensar em pegar o rifle para abater uma das bolhas, será que eu consigo, a vinte e cinco metros? Então pensou melhor e achou infantil aquela coisa de querer provar sua habilidade a si próprio. Na verdade Zero não gosta de atirar. Ele só faz isso quando solicitado.

Um homem cai na Ben Yehuda Street e é cercado por pessoas que gesticulam e falam com nervosismo.

Alguém diz que foi tiro, apontando de modo vago para um prédio.

Uma sirene chega. Vozerio, tumulto.

Sérgio caminha até ser bloqueado por um policial, mas consegue ver.

Sim, é ele. O perseguidor, o judeu ortodoxo do velho oeste.

Seu crânio tem um rombo lateral que despeja massa encefálica e sangue. O chapéu, que foi arrancado pelo tiro, está de ponta-cabeça, como o do violinista. Seu rosto, com traços talvez indígenas, não é lombrosiano.

Ocorre a Sérgio o pensamento de alguém passar e jogar uma moeda no chapéu.

O morto que pede esmola.

Ele tenta, mas não consegue rir.

Não entender o quem e o porquê daquele desfecho o impossibilita de se sentir aliviado.

É melhor sair logo daquela rua. O termômetro marca trinta e seis graus. Sérgio está com sede e sua cabeça dói.

Vai a uma loja comprar algo para beber.

Como será o rosto do atirador?, pensa, na fila, olhando para a rua através de um vidro com manchas.

O mundo é um lugar incompreensível, perigoso. E o sol é capaz de enlouquecer qualquer um.

ÀS VÉSPERAS DO ARMISTÍCIO

Nosso pelotão estava sob ataque das forças federais, baseadas em Passa Quatro, do lado mineiro da fronteira. Já não tínhamos quase munição ou suprimentos e nosso comandante, o sargento Rastelli, passou a ter alucinações auditivas. Ele me chamou, cabo, vá ao depósito e pegue duas latas de leite condensado, hoje vamos ao puteiro, se eu ficar mais um dia sem foder vou estourar.

As meninas do bordel em Cruzeiro aceitavam ser pagas com mantimentos. Rastelli nos chamava de quatrocentões de merda e de mariquinhas que nunca tinham visto boceta, qualquer dia eu mostro pra vocês como os calabreses fodem, vocês vão ver um caralho italiano de dezoito centímetros em ação.

A noite estava chuvosa e escurecida pelo blecaute. Chegamos à casa e parecia não haver ninguém, como na vez em Guaratinguetá, em que as mulheres estavam fazendo uma sessão espírita. Madame Cracóvia apareceu e disse, foram todas embora, os mineiros estão para invadir a cidade, ficou só eu. Ela devia supor não haver risco de ser estuprada pelos soldados inimigos por ser velha. Ou talvez o medo de abandonar sua casa fosse maior do que tudo.

Rastelli perguntou se ela não tinha outra coisa para oferecer, um animal, uma cabra, os homens da roça têm esse hábito, não têm? Percebi uma breve hesitação nela, mulher num baile que supõe que o homem está vindo tirá-la para dançar, mas não. No estábulo, ela disse, já recomposta. O sargento lhe estendeu uma lata de leite condensado e me disse, saindo para o quintal, espere aqui até eu terminar.

OBLIQUIDADE

Todo bancário tem ar de quem se resignou a um castigo, diz Bernarda, nua, o braço estendido sustentando o movimento pendular de um ioiô.

Você conhece muitos bancários? Onde você achou isso?, pergunto.

Naquela gaveta. Sim, eu conheço muitos bancários.

Acendo um cigarro e ponho camisa e cueca. Não gosto de fumar sem roupa.

E então, você não concorda? Quem trabalha em banco não tem cara de supliciado?, Bernarda pergunta.

Supliciado? Não sei dizer.

Tem, pode crer que tem. Você nunca fodeu com uma caixa de banco, Dudu? Olha só, você fuma. Médico e fumante. Posso te chamar de Dudu?

Sim, eu fumo. E, não, nunca fodi uma caixa de banco, não que eu saiba.

É, mas pelo jeito você andou fodendo menininhas em idade de brincar com ioiô, Bernarda ri.

Ando até a máquina de expresso e pego uma xícara. Ofereço à Bernarda, ela diz que não toma café.

Eu vou continuar minha explanação sobre os bancários. Posso?

À vontade, respondo.

Como eu dizia, todo bancário tem ar de derrotado. Além disso, não existe bancário bonito.

É mesmo?

Sim. São todos horrorosos.

E as bancárias, também são feias?, pergunto, indo à estante de CDs.

As caixas, sim. As gerentes, uma ou outra se salva, se bem que são bonitas naquela base, tudo com cara de putona. Como é que se chama mesmo esse tipo de apartamento aqui?

Loft.

Loft, ela repete. E que CD é esse que você pôs?

Krzysztof Penderecki. Um compositor polonês, segunda metade do século passado.

Hum.

Essa peça se chama *Threnody to the victims of Hiroshima*, de 1960. Composta para cinquenta e dois instrumentos de corda, foi usada pelo Stanley Kubrick num daqueles filmes dele, não me lembro qual.

Fala sério, você gosta disso?

Muito.

Que coisa. Para mim isso parece uma turbina de avião. Acho que eu vou embora.

Vou chamar o táxi, digo, pegando o telefone.

Você não vai me levar?

Não. Eu bebi, não dirijo quando bebo.

Bernarda se veste e eu desço com ela e esperamos o táxi na portaria. Digo que ela deve pensar um pouco sobre esses ódios que a estão envenenando, que nenhuma categoria profissional, por si só, pode definir alguém, que funcionários de banco em geral são pessoas corretas, pais de família, maridos dignos e proativos, maridos dignos e proativos, maridos dignos e proativos, e que não é justo humilhá-los. O táxi chega, Bernarda olha para mim e cospe no meu rosto.

CONFIANÇA

Eu estava começando a sonhar, no sonho havia calor e luminosidade, ir para a cama com a Denise sempre me levava a esses estados de beatitude, eu já estive com mulheres que quando estava de olhos fechados depois de gozar só me vinham à cabeça imagens aflitivas, cortes feitos com lata de goiabada, táxis dirigidos por cadáveres, listas telefônicas com letras e números cada vez menores, então meu sonho foi interrompido pelo ruído do telefone dela.

Pode parecer suspeito isso que vou dizer, mas juro que não é, Denise disse, eu preciso ir embora, um amigo está precisando de mim, não posso te dizer nada além disso.

Eu perdi a confiança em Denise e decidi terminar nosso namoro.

Então namorei Cynthia, cujo sexo sempre me provocava sonhos imbecis, depois a Paula, que fazia minha cabeça se esvaziar depois do orgasmo.

Um dia voltei a falar com a Denise e acabamos saindo.

Deitar com Denise continuava me provocando sonhos cálidos e luminosos, Denise era a mulher da minha vida, eu ia propor que casássemos, a maior burrada que fiz foi me afastar dela.

Numa noite estávamos deitados quando Denise disse, eu vou te contar o que aconteceu naquela noite, aquela em que eu saí daqui sem te explicar por quê. Era o meu ex-marido, ele queria que eu o levasse ao hospital. O que aconteceu é que ele tinha enfiado um troço no cu e o troço acabou entalado, aí ele queria ir ao hospital acompanhado de uma mulher, ele queria dar a entender ao médico que a coisa tinha sido uma mera brincadeira inconsequente ocorrida num contexto de ortodoxa heterossexualidade. Isso atenuaria a humilhação dele, entende?

Claro, entendo, respondi.

Ele me pediu segredo absoluto disso, pelos motivos óbvios. Aliás, você é a primeira pessoa para quem estou contando isso tudo.

Hum-hum, eu disse.

Perdi mais uma vez a confiança em Denise e decidi que não voltaríamos a namorar.

Uma mulher capaz de trair um segredo desses é capaz de trair qualquer coisa.

VIOLAÇÕES

Juca desce do carro e fecha a porta.

Albernaz, que veio dirigindo, desce do lado dele.

Os dois tiram o Pavarotti, algemado, do porta-malas.

Entram no cemitério e caminham por cinco ou seis minutos.

Chegam ao túmulo, 1991, 2016.

Enquanto Juca vigia o Pavarotti, Albernaz, usando marreta e um macaco hidráulico, arromba o túmulo e arrasta o caixão pra fora.

Albernaz e Juca põem máscaras contra gás, daquelas que os bombeiros usam.

Albernaz abre o caixão.

Hello, baby, Albernaz diz, apontando a lanterna para o rosto do cadáver, cuja pele está preta, a língua projetada para fora da boca e os olhos saltados das órbitas, tudo efeito dos gases da putrefação.

Até que ela continua bonitinha, não?, Albernaz diz a Pavarotti. Podia até se inscrever num concurso de miss zumbi.

Juca força Pavarotti a se aproximar do cadáver.

Pavarotti resiste, então Albernaz soma sua força à de Juca.

Que é isso, rapaz? A gatinha aí dando o maior mole e você com frescura? Já está até com a linguinha pra fora, só esperando seu beijo, Albernaz diz.

Juca e Albernaz empurram a cabeça de Pavarotti ao rosto do *de cujus*.

Pavarotti grita e tem espasmos de vômito.

Isso, muito bem, beijo de língua, nada de selinho, Albernaz diz.

Pavarotti desmaia, Juca o arrasta até um mausoléu contíguo ao túmulo violado.

Albernaz fecha o caixão e o coloca de volta na gaveta.

Vamos deixar ele algemado?, Juca pergunta.

Vamos.

Albernaz e Juca saem do cemitério.

No carro Juca diz, gozado, apesar da cânfora e da máscara, estou com a sensação de que o cheiro impregnou na minha garganta.

Impressão sua, diz Albernaz.

Alguns quilômetros adiante param num posto de gasolina, então Juca vai à loja de conveniência e compra um maço de cigarros e um isqueiro.

Por que não comprou drops? Você não tinha parado de fumar?, Albernaz pergunta.

Tinha.

Juca traga o cigarro e assopra a fumaça pela janela.

Quando acabar esse maço eu paro de novo, diz.

RADIÂNCIA E GRAÇA

Ela disse, vou te fazer uma surpresa.

Surpresa? Me dá uma pista.

Não, surpresa é surpresa.

Argumentei que uma pista podia deixar tudo ainda mais enigmático e desafiador.

Ela ficou em silêncio e disse, o.k., a pista é álbum de figurinhas.

Uau. Não faço a menor ideia do que pode ser.

Ótimo. Venha aqui e descubra.

Lizandra nunca havia proposto o local de nosso encontro. Ela devia supor estar alguns passos à minha frente, imaginando ser o gato da vez, e eu o rato.

Fui ao endereço que ela deu, toquei a campainha e ela abriu a porta. Seu corpo, nu, estava coberto de *post its*.

Uau, eu disse. Álbum de figurinhas. Nunca iria descobrir.

Me descubra agora, então. Figurinha por figurinha.

O corpo e o rosto de Lizandra sempre me faziam pensar nas palavras radiância e graça.

Sua parte de trás também está coberta?, perguntei.

Ela virou-se para mostrar. Tirei minha arma de dentro do casaco e disparei em sua nuca.

Fiz uma busca na casa e encontrei em sua bolsa uma corda de náilon, uma caixa de Rohypnol, vulgo boa-noite, Cinderela, e uma serra elétrica para autópsia.

Peguei um post it, depois outros dois. Em todos ela havia escrito eu te amo.

Puxei uma cadeira, me sentei e fiquei olhando, infeliz e decepcionado, para o cadáver de Lizandra estendido no chão.

TATUAGEM

Eu não gosto de tatuadores, também não gosto de contadores e de médicos, o problema é que dependo deles, sempre tive dificuldade para fazer o imposto de renda, sou hipocondríaco, trinta por cento da minha pele é coberta por tatuagens, a mais recente que fiz foi o nome dela, Ana. Ana sempre teve horror a agulhas, sua pele é intacta, o tatuador acabou de passar o molde na região de seu abdômen onde escreverá meu nome, Luís.

Meu pai dizia que tatuagem era coisa de cafajeste, me formei na faculdade em primeiro lugar, passei no concurso de magistratura sem fazer cursinho, às vezes penso se a repulsa que tenho de tatuadores não seria uma forma de compensar o fato de que quando meu pai morreu estávamos brigados, um enfarte o matou numa véspera de réveillon sem que tenhamos podido nos reconciliar, você prefere morrer de câncer ou de ataque cardíaco?, quando era criança discutia isso com meus primos, eu achava que era melhor ter uma morte súbita do que ficar entrevado num quarto de hospital.

Anderson liga a broca e começa a deslizá-la pela pele de Ana. Apesar da antipatia por tatuadores não tenho como não admirar sua destreza e sua precisão, esses caras são verdadeiros artistas, o Anderson é, foi ele quem fez o compasso da tocata e fuga em ré menor que tenho tatuado no braço esquerdo, baseado no manuscrito original de Bach.

Quarenta minutos é o tempo que ele leva para terminar o trabalho, então o médico assina o atestado de óbito e pergunta, foi o último desejo dela?, digo que sim, falo sobre seu pavor de agulhas e de seu pedido para ser tatuada com meu nome depois de morta, ele pergunta, medo de agulha? e essa morfina toda que ela estava tomando?, respondo, não sei, acho que nem todo medo de agulha é igual, tem gente que desmaia para tirar sangue, mas faz acupuntura sem problema algum.

DIA DOS NAMORADOS

Rômulo se vê no espelho de novo e arranca o papel higiênico do corte que fez ao se barbear. Vai ao quarto, pega o embrulho grená e põe no bolso. Apartamento, diz. Na estante de partitura, uma revista com uma loira esmagando os seios. Rômulo vem experimentando praticar vendo fotos pornô, foi um colega da orquestra, um trompista, que veio com a novidade, disse ele que sua embocadura melhorou muito.

Na garagem caminha até o carro, abre a porta, se senta. Leva a chave ao contato, observa a mão esquerda e diz um palavrão. Rômulo se esqueceu de cortar as unhas: subir e procurar o cortador ou parar numa farmácia? Resolve dar partida, acelerar, pôr-se em movimento. Lembra-se da história do tio que passou um réveillon preso no elevador e da história de um chinês cuja porta do banheiro emperrou, o que o manteve isolado do mundo por doze dias.

Impossível estacionar nas farmácias do bairro, tudo cheio, nenhuma vaga na rua, casais, manobristas, meninos de terno vendendo flores, dia dos namorados é o dia em que as namoradas consentem em dar o cu para os namorados, está todo mundo nas farmácias comprando k.y., Rômulo pensa. Pega a avenida que leva ao bairro adjacente, percorre dois quilômetros e o trânsito para. Há um comando para detectar motoristas alcoolizados, a carteira de habilitação de Rômulo está vencida, apreensão do veículo, multa, etc.

O policial com uma arma calibre doze manda o carro da frente encostar. Rômulo está com a janela aberta, numa atitude que julga franca, nada a temer, engata a primeira e solta a embreagem muito rápido e o carro dá um tranco e morre. Julga que o policial lhe fez um gesto: seguir em frente ou parar? Esperar que ele o repita pode fazê-lo mudar de ideia. Rômulo arrisca interpretar como siga. Se estiver errado, vai levar um tiro de doze nos próximos segundos.

Quando a pessoa está morrendo dizem que um filme passa em sua mente de modo super-rápido, do nascimento até aquela hora. Escapar ao tumulto vital, o ser ou não ser shakespeariano não se refere à ideiação suicida, mas ao dilema da escolha, engajar-se em algo ou não. A ex-mulher de Rômulo disse uma vez na terapia de casal que ele fora um namorado-hamlet e que continuava sendo um marido-hamlet, sempre incapaz de decidir. Escapar, afastar-se, impor distância, o comando

policial já é uma visão longínqua no retrovisor, então Rômulo vê uma farmácia com todas as vagas para carro disponíveis e estaciona.

A vendedora destaca um cortador de unha do mostruário e Rômulo o leva ao caixa. Vê o valor, abre a carteira e tira uma nota de cem. O funcionário diz que não tem troco e pergunta se ele não quer levar outra coisa ou se não quer pôr crédito no telefone. Rômulo diz, eu não uso celular. O funcionário reage com discreto espanto, como se Rômulo tivesse acabado de dizer que não usa vaso sanitário. Acaba pegando uma pasta de dentes e um vidro de própolis. Guarda o troco, caminha até a balança e se pesa.

No carro, liga o rádio e começa a sentir um cheiro estranho. Olha para a sola dos sapatos, matéria fecal canina. Toma o caminho de volta, um caminho oblíquo e demorado, para não usar a avenida em que está o comando. Chega ao prédio, entra no apartamento, tira os sapatos na área de serviço, vai ao quarto, se calça, mexe no bolso para pegar o cortador de unha, mexe no outro bolso, onde está o embrulho grená. Rômulo esqueceu o saco com o que comprou na farmácia pendurado no gancho da balança. Vai ao banheiro procurar um cortador que supõe ter, vasculha as gavetas, volta ao quarto, procura na caixa de remédios, numa nécessaire, cogita usar a tesoura, mas não vai conseguir cortar as unhas da mão esquerda, Rômulo é canhoto e sua habilidade com o lado direito do corpo é nula.

Ele se senta na cama. À sua frente está a loira na estante de partitura. Apartamento, ele murmura. Apartar. Isolar, separar.

Há vários recados na secretária eletrônica, mas Rômulo decide não ouvi-los.

VIGIA NOTURNO

Soube que a vaga era de vigia noturno quando vim conversar com o zelador.

Não gosto de passar a noite em claro, desde que servi exército me acostumei a dormir e acordar cedo, não tem coisa melhor do que respirar o ar frio da manhã. O negócio é que não está fácil arrumar serviço, então topei trabalhar de noite mesmo.

Os moradores aqui do prédio até que são bacanas. Tem só um sujeitinho folgado que mora no quarto andar, o doutor Fábio, o veado faz questão de ser chamado de doutor. Tem também a dona Débora, a síndica, ela gosta de me aporrinhar, principalmente quando está bêbada.

Doutor Fábio me interfona e diz, Ezequiel, uma amiga minha está chegando, descola uma vaguinha pra ela.

Na garagem só pode um carro por apartamento. Pelo menos duas vezes por semana alguma mulher vem visitá-lo e ele sempre faz porque faz até que eu deixe elas entrarem com o carro, eu já disse que a dona Débora ameaçou me mandar embora e ele se limitou a dizer, fica frio, deixa que depois eu converso com a coroa.

A mulher que ele está esperando chega e, enquanto tenta manobrar, bate na lateral do carro do seu Haroldo, do apartamento cinquenta e três. Vou à garagem por causa do barulho. A fulana, observando o amassado, diz, caralho-puta-merda, e logo toma o elevador.

Dona Débora aparece e me diz, eu avisei, não avisei?

Não foi minha culpa, digo.

Claro que foi, crioulo imbecil. Você é responsável por quem entra e quem sai.

Ela pega o telefone para fotografar o carro.

Eu poderia meter dona Débora na cadeia. Não é a primeira vez que ela me xinga assim, algumas vezes eu até gravei no meu celular. Ou então eu podia pedir indenização ao condomínio, o problema é que o dinheiro iria sair dos outros moradores, de pessoas legais como a dona Jussara que sempre me traz lanche de manhã, seria sacanagem fazer isso.

A senhora é pau d'água, digo, pensando, que se dane, já estou demitido mesmo.

O quê?

A senhora não está parando nem em pé. Precisa de uma ducha fria.

Vou ao hidrante e giro a torneira. Aponto a mangueira para dona Débora. A água vem com uma pressão violenta, que a derruba. Mantenho o jato em sua direção. A dentadura de dona Débora cai e rodopia pela garagem, como se fosse um carro desgovernado.

Desligo a água, volto à guarita e pego minhas coisas. Saio para a rua. Meu ônibus só volta a circular às cinco da manhã. Eu poderia matar o tempo no prédio em que o Vanderlei, meu compadre, é vigia, mas acho que prefiro andar. Às vezes eu gosto de ficar por aí, só andando e pensando.

VERÃO

Um homem vai para o inferno e o inferno é uma sala onde ele permanecerá para sempre na companhia de duas mulheres. Não gosto de teatro, não gosto de quase nada que interfira no curso natural dos meus pensamentos, porém às vezes tenho de acompanhar Luísa, ter uma mulher gostosa para levar para a cama exige algum sacrifício eventual. Luísa é atriz, vi uma vez uma peça dela, um monólogo de uma portadora de tricotilomania, compulsão por arrancar fios de cabelo. Hoje viemos ver uma peça em que uma amiga de Luísa está no elenco.

Meu professor de tai chi chuan morreu com cento e dois anos e dizia que o segredo da longevidade era ter curiosidade pelas coisas certas. A última coisa que me deixou curioso foi uma lata de filme que achei há uns dois anos num dos armários do escritório, mostrando a troca de presentes de amigo secreto dos funcionários, uma gravação de 1977. Só recentemente passei a ter pensamentos que talvez se tornem uma nova curiosidade. Ainda não vou dizer sobre o que, não é por nada, sou um pouco supersticioso sobre essas coisas.

Vamos jantar com a atriz, talvez ela seja mais bonita que Luísa, mas sua beleza de alguma forma me aborrece. Estou com vontade de fumar, ir até a rua significará sair do ar condicionado, tento então me distrair prestando atenção na ressonância da letra esse emitida pela cavidade bucal das duas. Luísa e sua amiga supõem que estou achando excitantes suas insinuações de lesbianismo.

Já fui para a cama com Luísa e outra mulher. Não acho que Luísa seja sequer bissexual, ela faz isso como quem supõe estar sentindo vontade de andar de montanha-russa. Nunca gostei de ménage, saí depois sozinho com a mulher que fez sexo conosco, foi muito melhor.

Senhorita Mimi, senhorita Cocó, vou até a rua fumar, digo, me levantando.

Um sujeito de cadeira de rodas está na calçada em frente ao restaurante, com o cigarro pela metade. Ele diz, fumante hoje é tratado como leproso, não? Acendo um Dunhill e me lembro de uma história de família envolvendo hanseníase e móveis incinerados.

Eu acho que a coisa é até pior pra nós, fumantes, digo. Os leprosos ao menos sempre foram tratados com compaixão.

Sim, sem dúvida nenhuma. Afinal, cá estamos nós, dois proscritos, dois párias viciados em tabaco, apodrecendo como abacaxis numa estufa nesse calor todo.

Nem me fale. Tá de enlouquecer.

Sim, de enlouquecer, literalmente. Homicídios, suicídios, estupros, roubos, acidentes de trânsito, as taxas todas aumentam exponencialmente no verão, o calor turva o raciocínio, dezembro é o mais cruel dos meses, o sujeito ri e termina o cigarro, arremessando a guimba ao meio fio. Você me empurraria até meu carro?, meu pacote de cigarros está lá, preciso pegar um novo.

Conduzo o sujeito por cinquenta metros, então ele agarra meu braço e vejo que está armado, lhe dou meu relógio, iPhone, dinheiro, ele diz, agora anda contando até cem e não olha pra trás, faço o que ele mandou, chego ao restaurante, Luísa me vê e diz, amor, o que aconteceu?, você está branco que nem cera.

A FRANQUEZA DOS QUE ESTÃO PRESTES A MORRER

Márcio gosta de conversar com doentes terminais, ouvi-los, pedir conselhos, a proximidade da morte faz as pessoas pararem de trapacear e mentir.

Henrique, leucemia mieloide aguda, é o mais inteligente deles. Os médicos lhe deram vinte por cento de chance de cura, é preciso aproveitar.

Márcio faz uma pergunta, Henrique diz que pode complementar a resposta com uma análise numerológica e de caligrafia. Márcio faz sua assinatura num papel, noutro escreve seu nome completo e data de nascimento.

Henrique lê tudo com atenção, fecha os olhos e diz, sua falha fundamental de caráter é ter uma excessiva incredulidade em relação a si mesmo e uma excessiva credulidade em relação aos outros.

Márcio reflete se aquele juízo se aplica a ele. Acaba convencido quando descobre o desfalque que Henrique fez usando o papel em branco com sua assinatura.

SOLIDÃO

Hora de levar a mocinha para casa, digo, me levantando da cama.

Você nunca vai deixar eu dormir aqui?, ela pergunta.

Não. Você é uma menina má, que trai o marido, fuma maconha, portanto seu castigo é esse.

Eu não traio ninguém. Ele é meu ex-marido.

Você mora na casa dele, ele paga suas contas.

Isso é temporário.

Talvez.

Definitivamente, não sei o que estou fazendo com um babaca como você.

Aproveitando a vida da melhor maneira que pode.

Da melhor maneira que eu posso? Vai nessa, vai.

No carro ela fica muda, até que diz, quando paro próximo a seu prédio, não me procure mais, o.k.?

Volto para casa, me deito no chão e ouço Etexspectoresurrectionemmortuorum. Gosto de Messiaen, sua música faz eu me sentir silenciado.

Boto louça na lavadora, faço esteira, vou tomar banho.

Mulher tem mania de querer dormir junto.

Uma vez fui a um motel, me descuidei e acabei cochilando, disfarcei despejando uma garrafa de água sobre mim, disse que estava com calor.

Deito-me, pego o pacote debaixo da cama, puxo uma fralda.

Urologistas, psicólogos, ninguém conseguiu descobrir meu problema, ficam jogando a batata quente um para o outro, sua incontinência é psicológica, sua incontinência é fisiológica.

Às vezes sinto um pouco de solidão. De qualquer forma, sempre gostei de dormir sozinho.

NATAL

Paulo tem as gengivas duras como um alicate e se gaba disso, ele diz, dentadura é coisa de fresco, eu mastigo de tudo sem, quer ver?, então morde uma coxa de peru. Otávia, a psicóloga, está jantando conosco. Ela é uma jovem de vinte e cinco anos, loura, sensual. Paulo acha que vai impressioná-la com sua demonstração.

Pus dentadura quando fiz sessenta anos, Paulo diz que já teve uma, mas acho que é mentira. Sou dos poucos internos aqui do asilo que usam, às vezes isso me causa problemas, eu sei que as pessoas me chamam por trás de esnobe. Também gosto de ler livros, histórias policiais, o que aumenta ainda mais a antipatia por mim.

Terminamos o jantar e nos servem bolo. Otávia pergunta se estou lendo algum livro, uma vez ela me viu lendo, digo que sim, falo sobre a história, passada em Chicago na década de trinta, tiros, gângsteres, fbi, então o telefone dela toca, oi amor, tá, daqui a pouco eu vou.

Às vinte e duas horas nos deitamos. Paulo, que é meu companheiro de quarto, finge logo dormir. Acho que ele ficou frustrado porque Otávia conversou comigo, e não com ele, e depois foi comemorar o nascimento de Jesus fodendo com o namorado, algum rapaz impetuoso e forte.

Acordo de madrugada com dor de barriga, a sobremesa não me fez bem, doces sempre me desarranjam, dou descarga e noto que a privada está entupida, pego a bomba e a pressiono algumas vezes, vejo um objeto flutuando na água marrom, volto ao quarto e olho para o copo, minha dentadura não está lá.

SONHOS E PESADELOS

Eu achava Cristiane um nome comum como lâmpada, margarina, pneu, mas isso foi antes de eu conhecer a Cris. Passei então a sentir um grande deleite com a sonoridade cristalina e anasalada de seu nome. O amor transfigura e eleva todas as coisas, se Cristiane se chamasse Maria Privada de Jesus talvez eu achasse seu nome bonito. Esse nome, Maria Privada, existe mesmo, vi uma vez uma reportagem sobre pessoas que haviam entrado na justiça para mudar nomes que as expunham a humilhações. Se eu pudesse, também gostaria de mudar meu nome, número do RG, data de nascimento.

Um dia a vi num café perto de casa, lendo um daqueles livros que insistimos em ler quando somos jovens e ainda acreditamos em leituras difíceis, abstrusas, sibilinas. Sentei-me próximo dela e disse, a história é um pesadelo do qual eu tento despertar.

Qual foi a última vez que você teve pesadelo?, ela perguntou, fechando o livro.

Quando eu era criança tinha o mesmo pesadelo uma vez por ano. Não exatamente o mesmo, alguns detalhes mudavam, mas a estrutura era sempre igual.

Foi o último que você teve?

Não. (Lembrei-me de um pesadelo então recente, senti uma breve tentação de narrá-lo, mas me refreei.) E você, costuma ter pesadelos?

Você não acha que esse assunto, sonhos, é íntimo demais para sair falando com um desconhecido?

Talvez. Se bem que isso é o que mais ocorre, analistas e pacientes sempre são desconhecidos um para o outro.

Desconhecidos íntimos, ela riu. Eu nunca me lembro dos meus sonhos, então não sei se eles são pesadelos ou não.

Isso te deixa frustrada?

Frustrada de não me lembrar de meus sonhos? Não. Sonhos ou pesadelos são sempre inúteis.

Depende. Daniel –

Sim, eu sei, o profeta Daniel interpretando o sonho do rei Nabucodonosor. Você é pregador evangélico? Ou, pior, é psicanalista?

Pior. Sou professor. Você eu sei que é engenheira naval.

Quá! Não sei fazer nem barquinho de papel. De onde você tirou isso?

Chutei. Meu nome é Décio. E o seu?

No encontro seguinte, de novo no café, convidei-a para irmos ao cinema. A sala de exibição era próxima de onde morávamos. Depois ela sugeriu irmos a um museu, de metrô, então eu disse que estava me tratando de síndrome do pânico e que tinha fobia de me afastar do meu perímetro. Acabamos indo a um restaurante por ali mesmo, depois fomos para meu apartamento. Conversamos sobre música e pintura, a nudez na arte pictórica e o ataque à faca que uma feminista fez em 1914 contra o quadro *Vênus ao espelho*, do Diego Velázquez, então Cris me mostrou num site um ensaio que ela havia feito nua e perguntou, você acha meu corpo bonito?

Fazer sexo com Cris foi uma coisa intensa e gratificante, um ato em que estavam integrados corpo e espírito, o imanente e o transcendente, daí que a palavra que mais dissemos durante a cópula tenha sido Deus. Ela me perguntou por que eu não havia tirado as calças, só abaixado até as coxas. Respondi que tinha vergonha das minhas pernas.

Que bobagem, ela disse, acariciando meus músculos peitorais.

Pensei em quando era jovem e magro e me envergonhava de tirar a roupa na piscina do clube. O corpo, ao contrário do nome ou data de nascimento, felizmente pode ser mudado. *History is a nightmare from which*, etc.

Passamos pouco mais de um mês vivendo em grande felicidade e harmonia, até que Cris passou a me questionar sobre a síndrome do pânico. Ela disse que eu não iria melhorar se não me expusesse às situações desencadeadoras das crises.

Minha irmã teve pânico e se curou assim. Você se dessensibiliza ao que te dá medo à medida que enfrenta.

Eu sei, o blábláblá da psicologia cognitivo-comportamental.

Não é blábláblá, Décio.

Eu não quero falar sobre isso.

Quer saber? Estou começando a ficar cansada. Faz quase dois meses que estamos juntos e não podemos fazer nada longe daqui, além dessa coisa esquisitíssima de você nunca tirar as calças, só abaixá-las até o joelho. Qual é o seu problema, afinal de contas?

Cris, é melhor você ir para casa. Hoje eu não estou bem.

Não é só hoje. Você nunca está bem. Parece sempre acuado, em prontidão. Se ao menos concordasse em se tratar.

Eu me trato. (Prontidão.)

Tomando calmantes por conta própria? Você precisa ir a um médico.

Vá embora, Cris. Eu quero ficar sozinho.

Então tá. Vai ficar sozinho mesmo, chega de maluco na minha vida.

Nos dias seguintes Cris não apareceu e não atendeu meus telefonemas. Eu me senti muito triste e tive vontade de sair por aí andando, as coisas de que estamos privados sempre se tornam muito tentadoras. (Meu nome é Décio. Se eu pudesse mudá-lo qual escolheria?) Liguei mais uma vez e deixei recado, pedindo para ela vir em casa para a gente conversar.

Cris apareceu à noite e demos um longo abraço.

Como você está?, ela perguntou.

Tudo o.k.

Fomos para a sala.

Ela sentou-se e permaneci de pé. Tirei as calças e mostrei à Cris o que vinha escondendo.

Tornozeleira. Estou em prisão domiciliar. Por isso nunca me afasto mais de quinhentos metros daqui, é o limite geográfico que o juiz estabeleceu. Não tenho síndrome do pânico.

Cris não perguntou, mas mesmo assim lhe contei tudo, sem omissões. Depois de ficar um tempo em silêncio ela perguntou se o que tinha ocorrido havia sido circunstancial e se eu estava arrependido. Respondi que sim, as duas coisas.

Fomos para a cama. O sexo foi a comunhão que sempre ocorria entre nós, corpo e espírito, imanência e transcendência. Eu te amo, disse a ela. Então a Cris, abraçada a mim, me contou um sonho que ela havia tido e do qual finalmente conseguira se lembrar.

GRANDEZA

Numa sala de espera, clínica de fertilidade, andrologia, ginecologia, obstetrícia. Antônio e a mulher têm hora marcada com o médico que faz tratamento para casais que têm dificuldade para engravidar.

Sentada à frente deles, uma jovem amamenta um bebê. Ela tem seios grandes e é muito bonita.

Antônio tenta se concentrar num folheto que pegou no balcão. Os seios da jovem deixaram seu pênis duro e logo o médico irá chamá-los. Será constrangedor se levantar com aquele volume fazendo pressão sob as calças, todo mundo vai ver, sobretudo Alcione, sua mulher. Alcione é muito ciumenta.

Quando era rapaz e trabalhava como modelo Antônio uma vez foi chamado para fotografar nu. Ele até cogitou fazer, só desistiu quando soube que era para uma revista de homossexuais. O título do ensaio ia ser um homem de vinte e sete centímetros.

A recepcionista os anuncia, Antônio ainda não está em condição de pôr-se de pé, porém ficar sentado vai acabar chamando mais atenção. Supõe que a mulher já percebeu tudo, que o estrago já está feito mesmo.

Mas ela, que sempre achou os próprios seios muito pequenos e até deixou de ir à praia por causa disso, não notou a aflição do marido, nem seu volume escandaloso: levanta-se, olha para a jovem e diz, minha mãe tinha peitos como os seus. Ela morreu de câncer.

MICROSCÓPIO

Quando um namoro fica sério mostramos nossas fotos antigas para a pessoa que amamos. Por quê? Porque buscamos, com esse gesto simbólico, participá-la de nosso passado?

Iara, ainda nua, acabou de voltar ao quarto carregando uma pilha de álbuns, está tudo superempoeirado, mas vou trocar o lençol amanhã, ela diz. Ver Iara assim me faz pensar numa bibliotecária que, por misteriosas razões, trabalhasse sem roupa. Nunca pensei que fosse amar uma mulher como a estou amando.

Conheci Iara numa livraria de aeroporto, o primeiro pensamento que me ocorreu foi que ela era argentina, talvez uruguaia, puxei conversa esperando resposta em espanhol.

Não foi a primeira vez que comecei um romance nesse cenário, já parei para pensar sobre isso, anjos são criaturas aladas, cupido é um anjo, portanto deve gostar de aeroportos, Freud e os sonhos de levitação, mulheres belas designadas como aeronaves, etc.

Essa foto foi no Rio, férias de julho de oitenta e seis, eu tinha sete anos, Iara diz. Nessa estou dançando quadrilha na escola. Esse aí na foto ao lado é meu avô.

Vemos mais algumas páginas repletas de fotografias até que digo, amor, tecla pause, vou ao banheiro.

Se for usar o chuveirinho desliga o registro depois, porque está vazando, ouço-a dizer.

O.k., respondo.

Tranco a porta, sento-me na privada e a primeira coisa em que penso é no século dezenove.

O século dezenove foi pródigo em invenções, os primeiros aparelhos elétricos, a máquina fotográfica, o microscópio (o.k., o microscópio foi inventado no século dezesseis, Leeuwenhoek o aperfeiçoou no século dezoito, etc.). Foi também no século dezenove que houve um significativo avanço no tratamento e na inclusão social dos portadores de deficiência física.

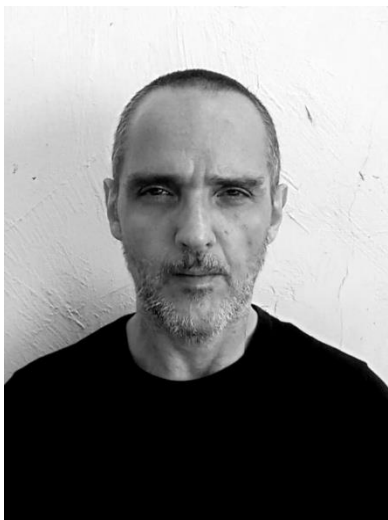
Até então, eles eram eliminados ao nascer, exibidos em espetáculos circenses, queimados em fogueiras. Havia a superstição de que deficientes não tinham alma ou de que sua concepção era obra do demônio. A ciência, ao elucidar suas anomalias (e preveni-las ou, ao menos, antecipá-las em muitos casos), conferiu-lhes uma inédita dignidade.

Penso no avô de Iara.

Sua doença genética é transmitida aos descendentes, eu sei disso, sou filho de médicos, aprendi o suficiente de patologia clínica, notei o constrangimento dela ao nos depararmos com a foto do avô, ela sabe que agora eu sei que de uma hora para outra ela pode se transformar num monstro ou que pode gerar filhos monstruosos.

Eu a amo, acho que nunca amei uma mulher assim, mas não sei se vou tolerar conviver com essa incerteza, ei, olha lá o Henrique e a mulher elefante. (O microscópio fez o homem refém do invisível. E as mulheres enlouquecem quando são rejeitadas no amor.) Prorrogo minha permanência no banheiro, pensando em várias formas de fingimento e evasão.

SOBRE O AUTOR



Eduardo Haak nasceu em São Paulo, em 1971. É autor de *Tem uma coisa sobre mim que acho justo você saber* (2011), *Adulteração* (2017), *Apartamentos* (2018), *Memorando* (2020) e *Extensões* (2021).

[Blog do autor](#)